



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

## **PERFIL E PAPEL DO EXTENSIONISTA:**

**O Caso de estudo de Distrito de Matutuíne**

**Estudante: Lourdes da Conceição M. Maduele**

**Dissertação de Mestrado**

**Maputo, Novembro de 2014**



**MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

**PERFIL E PAPEL DO EXTENSIONISTA:**

**O Caso de Estudo do Distrito de Matutuíne**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em extensão educativa da Universidade Eduardo Mondlane

por

Lourdes da Conceição M. Maduele

Faculdade de agronomia e Engenharia Florestal  
Universidade Eduardo Mondlane

**Supervisor: Professor Doutor Castilho Mussa Amilai**

**Maputo, Novembro de 2014**

<b>O Júri:</b>			<b>Data</b>
<b>O Presidente</b>	<b>O Supervisor</b>	<b>O Oponente</b>	
_____	_____	_____	___/___/___

**FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

**PERFIL E PAPEL DO EXTENSIONISTA DO DISTRITO DE  
MATUTUÍNE**

**Lourdes da Conceição M. Maduele**

Dissertação submetida a Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, no programa de pós-graduação do curso de Educação em Ciências Agrárias como requisito parcial para a obtenção do grau de **mestre em extensão educativa**, sob orientação do Professor Doutor Castilho Mussa Amilai.

**Maputo 24 de Novembro 2014**

## **DECLARAÇÃO**

Lourdes da Conceição M. Maduele, declaro por minha honra que o presente trabalho foi por mim feito. Resulta de uma pesquisa feita sobre Perfil e o Papel do Extensionista no Distrito de Matutuine, província de Maputo, sob orientação do Professor Doutor Castilho Mussa Amilai. O mesmo tem a sua originalidade e ainda não foi apresentada nesta e nem em outras instituições de ensino.

---

Lourdes da Conceição M. Maduele

## **DEDICATÓRIA**

Às minhas famílias Maduele e Jalane.

Ao meu esposo, filhos e neto (Orlando Jalane, Gerson, Dácia e Yannick), vós sois o meu suporte físico, psicológico, e minha fonte de inspiração.

À minha mãe e à memória do meu pai, Tomás Maduele, cujo incentivo foi para além da sua consciência.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à DEUS, pai todo-poderoso, pela vida, saúde e energias para que conseguisse percorrer este caminho.

Ao Instituto de Bolsas de Estudo do Ministério da Educação pelo financiamento do curso.

Ao meu Supervisor, Professor Doutor Castilho Mussa Amilai pela orientação, pelos ensinamentos, dedicação e infinita paciência que me proporcionou durante o curso e pela realização do presente trabalho.

O meu profundo agradecimento pelo incentivo, amizade, carinho dado pelo meu esposo, filhos e em especial ao meu neto (Yannick) pelo afecto.

O meu agradecimento estende-se a todos que directa ou indirectamente apoiaram - me tornando este projecto uma realidade particularmente aos Professores do Curso do Mestrado em Ciências Agrárias da FAEF. Aos meus amigos e todos colegas da Faculdade e em especial ao Ercílio, Anete, Nelson, Wilson, Adelaide e Sérgio pelo apoio prestado durante a formação.

Aos funcionários e extensionistas dos SDAE – Matutuine em especial ao Director Come e ao engenheiro Paulo, extensionista/ Supervisor Sandramo, obrigada pela paciência e colaboração. À todos os produtores que facultaram os dados usados neste trabalho.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>AIA</b>	<i>American International Association</i>
<b>AF</b>	Agregado Familiar
<b>ATER</b>	Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>CAP</b>	Censo Agro-Pecuário
<b>CDR</b>	Campo de Demonstração de Resultados
<b>DRP</b>	Diagnostico Rápido Participativo nas suas actividades de extensão
<b>EMBRAPA</b>	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
<b>EMBRATER</b>	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>EMATER/RS-ASCAR</b>	Associação Rio grande de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>FAO</b>	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
<b>FDC</b>	Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade
<b>FONAIAP</b>	Fundo Nacional de Investigação Agropecuária
<b>GEPAI</b>	Grupo de Estudos e Pesquisa Agro-industriais
<b>IBTA</b>	Instituto Boliviano de Tecnologia Agropecuária
<b>ICA</b>	Instituto Colombiano Agropecuário
<b>ICTA</b>	Instituto de Ciência e Tecnologia Agropecuária
<b>IDIAP</b>	Instituto de Desenvolvimento de Investigação Agropecuária
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística
<b>INIA</b>	Instituto Nacional de Investigações Agrícolas
<b>INIAP</b>	Instituto Nacional de investigações Agropecuárias
<b>INIPA</b>	Instituto Nacional de Investigações e Promoção Agropecuária
<b>INTA</b>	Instituto Nacional de Tecnologia Agrícola
<b>MAE</b>	Ministério da Administração Estatal
<b>MINAG</b>	Ministério da Agricultura

<b>ORAM</b>	Organização de ajuda mútua .
<b>PDIAPDM</b>	Plano de Desenvolvimento Institucional das Associações de Produtores do distrito de Matutuíne
<b>PEDM</b>	Plano Estratégico do Distrito de Matutuíne
<b>ROSA</b>	Rede das organizações para a segurança alimentar
<b>SDAE</b>	Serviço Distrital de actividades Económicas
<b>SPSS</b>	Pacote Estatístico para Ciências Sociais
<b>SDAE</b>	Serviço Distrital das Actividades Económicas
<b>STV</b>	Sistema de Treinamento e Visita
<b>TV</b>	Treinamento e Visita
<b>UNFPA</b>	Fundo das Nações Unidas para a População



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Distribuição das actividades de extensão realizadas pelos extensionistas .....	59
Gráfico 2- Meios e métodos usados nas actividades dos extensionistas .....	60
Gráfico 3 - Beneficiários das actividades de extensão .....	61

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sexo dos extensionistas .....	55
Tabela 2- Idade dos Extensionistas .....	55
Tabela 3 - Estado civil dos Extensionistas .....	56
Tabela 4- Experiência de trabalho dos Extensionistas. ....	56
Tabela 5 - Área de actuação .....	57
Tabela 6 - Residência fixa dos Extensionistas.....	57
Tabela 7 - Agregado familiar dos Extensionistas .....	58
Tabela 8- Formação académica dos Extensionistas .....	58
Tabela 9 - Área de trabalho dos extensionistas. ....	59

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Divisão Administrativa de Matutuine .....	44
--	----

## RESUMO

O presente estudo realizado em Matutuíne cujo tema: 'Perfil e Papel do Extensionista do Distrito de Matutuíne. Tem como objectivo geral: analisar o perfil e papel do extensionista do Distrito de Matutuíne, visa especificamente: (i) caracterizar o perfil dos extensionistas de Matutuíne; (ii) descrever e analisar os papéis do extensionista e (iii) analisar a relação entre o perfil e o papel do extensionista. No presente Estudo de Caso utilizou - se uma abordagem mista, em que os dados qualitativos foram complementados com dados quantitativos. A metodologia consistiu na consulta bibliográfica e dados secundários sobre a matéria em estudo e, em seguida, administrou-se um pré-inquérito, posteriormente aplicou-se um inquérito o qual foi preenchido presencialmente por todos 11 (onze) extensionistas de Matutuíne. Basicamente, o guião do referido inquérito foi constituído pelas mesmas perguntas do pré-inquérito. Para a descrição e análise do perfil do extensionista tiveram -se em conta as seguintes categorias: (i) Sexo; (ii) Idade; (iii) estado civil; (iv) experiência de trabalho e (v); bem como: (i) a área de actuação; (ii) residência; (iii) agregado familiar; (iv) formação académica e (v) área de trabalho. Os resultados do estudo mostraram que o papel do extensionista centra-se na assistência técnica e disseminação de tecnologias aos produtores, na planificação da campanha agrícola, apoio na constituição de associações dos agricultores, facilitação do processo de identificação dos problemas candentes dos agricultores e inclusão dos produtores em diversos programas e actividades de extensão. Os métodos e meios usados são: método individual e de grupo, bem como o recurso à campanhas de sensibilização. Em termos de perfil, pode-se afirmar que a maioria, dos extensionistas detém o nível médio técnico profissional, a despeito de não terem todos o mesmo nível académico, quer os extensionistas do nível básico, quer do nível médio frequentaram o curso agropecuária. O estudo concluiu que não existe uma relação directa entre o perfil e o papel do extensionista, pois no caso concreto de Matutuíne, independentemente do seu nível e experiência profissional, a complexidade e tipologia de tarefas atribuídas aos extensionistas são as mesmas.

Palavras-chave: Matutuíne, Extensão, Extensão rural e Extensionista.

## ÍNDICE

DEDICATÓRIA .....	i
AGRADECIMENTOS .....	ii
LISTA DE ABREVIATURAS .....	iii
LISTA DE GRÁFICOS .....	v
LISTA DE FIGURAS.....	vii
RESUMO .....	viii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO .....	1
1.1 Contextualização.....	1
1.2 Enquadramento do Problema.....	3
1.3 Objectivos .....	11
1.3.1 Geral.....	11
1.3.2 Específicos .....	11
1.5 Justificativa e relevância do estudo.....	11
CAPÍTULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
2.1 A origem institucional da pesquisa e da extensão rural.....	15
2.2 Extensão Rural .....	21
2.3 Extensão Rural em Matutuíne.....	22
2.4 Extensão .....	23
2.5 Extensionistas .....	25
2.6 Comunicação na Extensão Rural .....	26
2.7 Métodos de Comunicação na extensão rural .....	27
2.7.1 Métodos Individuais de Comunicação na Extensão Rural .....	28
2.7.2 Métodos de Grupos de Comunicação na Extensão Rural.....	29
2.7.3 Métodos de massas .....	30
2.8. Constrangimentos da Extensão Rural .....	30

2.10 O papel do extensionista .....	31
2.10.1 O papel do extensionista no que concerne a participação dos agricultores .....	34
2.10.3 No que concerne as técnicas .....	37
2.11 Tarefas e Funções do extensionista.....	38
2.11. Tarefas e funções Incompatíveis.....	38
2.12 Princípios orientadores para sucesso do trabalho de extensão.....	38
2.12.1 O que um extensionista deve fazer: .....	39
2.13 O que um extensionista não deve fazer.....	41
<b>CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>43</b>
3.1 Caracterização da região em estudo.....	43
3.1.1 Localização .....	43
3.1.2 Divisão administrativa .....	43
3.1.3 Condições Físicas -Naturais.....	45
3.1.3.1 Clima.....	45
3.1.3.2 Hidrografia.....	46
3.1.3.3 Organização e Estruturação Social .....	47
3.1.3.4 Agricultura .....	48
3.1.3.5 Associativismo na produção agrícola do distrito .....	49
3.2 Método da Pesquisa .....	49
3.3 Instrumentos de Pesquisa.....	50
3.5 Procedimentos de Colecta de Dados.....	52
3.6 Análise de Dados .....	53
<b>CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS....</b>	<b>55</b>
4.1 Apresentação dos resultados da pesquisa .....	55
4.1.1 Caracterização do perfil dos extensionistas .....	55
4.2 Papel do extensionista.....	59
4.3.1 Género versus papel do extensionista .....	62
4.3.2 Experiência versus papel do extensionista.....	65

4.3.3 Formação versus papel do extensionista.....	67
4.3.4 Interpretação dos resultados face às hipóteses.....	68
4.4 Análise e discussão de resultados .....	68
4.4.2 Categoria B - Dados profissionais .....	73
4.4.3 Categoria C - Experiência de trabalho.....	73
4.4.4 Categoria D - Actividades de extensão e meios usados.....	74
4.4.5 Categoria E - Beneficiários dos serviços de extensão .....	76
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
5.1 Considerações finais .....	78
CAPITULO VI: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	81
Anexo 1: Questionário aos Extensionistas.....	1
Anexo 2: Questionário ao Director do SDAE (Matutuíne) .....	7
Anexo 3: Questionário aos Camponeses.....	8



## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização

Moçambique possui uma população de 20.366.795 habitantes cuja maior parte (70%) é predominantemente rural e dedica-se à agricultura, que constitui uma grande fonte de rendimentos das famílias (INE 2007).

No sector da agricultura nacional, desenvolvem-se dois tipos de culturas fundamentais: a de produtos de consumo tais como cereais, leguminosas, verduras, tubérculos, e, outras, como as culturas de rendimento, nomeadamente o algodão, o tabaco, a castanha de caju, o chá, a cana-de-açúcar, dentre outras (Francisco et al, 2010).

A produção agrária é levada a cabo por dois principais sectores de produção designadamente o sector familiar e o empresarial, sendo que, o sector familiar, é constituído por cerca de 2,5 milhões de famílias que exploram cerca de 90 % da área actualmente cultivada, representando um grande potencial produtor (Mafavisse & Clemente, 2012).

Maior parte dos camponeses que pratica a agricultura do sector familiar não consegue cultivar mais de um hectare devido a diversos constrangimentos, alguns dos quais ligados à reduzidos meios de produção (MINAG, 2010).

Para minorar esta situação o governo de Moçambique, através do Ministério de Agricultura, vem levando a cabo programas de extensão rural como forma de apoiar as iniciativas dos camponeses. Com efeito, muitos países africanos, tem vindo a proceder importantes reformas dos seus serviços de extensão rural como forma de maximizar o desempenho, eficiência, eficácia

e impacto dos programas A introdução destes serviços significam um forte sinal, por parte do Ministério de Agricultura de Moçambique, no sentido de fortalecimento dos programas de desenvolvimento agrário através do Pré - programa (Amilai, 2002).

O Pré – Programa tinha como enfoque a assistência técnica aos camponeses através dos trabalhos realizados pelos extensionistas que basicamente aplicavam a abordagem de Treinamento e Visita. Esta abordagem viria, mais tarde, a sofrer alterações através da modificação e aperfeiçoamento do Treinamento e Visita (T &V) (Amilai, 2002).

Assim os serviços de extensão estão a passar de uma abordagem puramente de oferta, com o Governo como único provedor de assistência técnica.

Com efeito, no sector agrícola vigente no país, as reformas mais incluem a descentralização da administração dos serviços de extensão no terreno; a melhoria das ligações entre os agricultores, educadores, investigadores, extensionistas entre outros *Steackolders* (NEPAD, 2002).

O presente trabalho obedeceu a seguinte estrutura:

O primeiro capítulo comporta a introdução, onde é feita a contextualização do tema, enquadramento do problema, identificação dos objectivos específicos, objectivo geral bem como a justificativa e relevância do tema.

O segundo capítulo é constituído pela revisão bibliográfica, para dar uma estrutura conceptual e teórica das principais terminologias usadas.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia, a caracterização da região de estudo e faz menção sobre a forma como foram recolhidos e tratados os dados.

O quarto capítulo faz apresentação, análise e discussão de resultados, o quinto capítulo apresenta as considerações finais e implicações do estudo. Por fim temos as referências bibliográficas bem como os anexos.

## **1.2 Enquadramento do Problema**

A “Extensão Rural”, entendida como intervenção educativa visando o desenvolvimento integrado do território, está organizada em diferentes modos para procurar alcançar uma grande gama de objectivos nomeadamente:

- Assistir a população a descobrir e analisar os seus problemas, suas necessidades sentidas e não sentidas;
- Disseminar informações baseadas na investigação e/ou experiência prática, de tal maneira que a população a aceitaria e a poderia pôr em prática;
- Manter, de tempo em tempo, os investigadores informados dos problemas dos produtores para que eles possam oferecer soluções baseadas na investigação necessária;
- Contribuir para segurança alimentar e renda familiar;
- Promover uma agricultura sustentável;
- Influenciar a mudança de atitude;

- Incrementar a qualidade de vida no meio rural e desenvolver liderança entre a população e ajudá-la na organização de grupos para resolução dos seus problemas (Manual do extensionista de Matutuine s/d).

É de referir que semanticamente, o termo extensão pode variar de pessoa para pessoa dependendo do contexto situacional, onde podemos ter interpretações ambíguas, e por vezes características comuns.

Segundo Van Den Ban e Hawkins (1996), a questão fundamental da extensão é ensinar a gente a resolver os seus problemas.

Há muitos significados comuns com o termo extensão, um dos quais a “ extensão envolve o uso deliberado da comunicação, da informação para ajudar as pessoas a formar opiniões racionais e a tomar decisões acertadas”. (Van Den Ban e Hawkins, 1996).

Almeida (1989), entende a extensão rural como um sistema dinâmico de métodos educativos, utilizados de modo não formal e extra-curricular, para capacitar adultos e jovens, nas técnicas agropecuárias, para desenvolverem liderança, acção em grupo, organização comunitária, visando elevar as condições sócio – económicas e culturais das populações rurais.

Swanson (1991), define a extensão rural como um processo contínuo de transmissão de informações úteis à população (dimensão comunicativa) e sucessivamente de assistência a esta população na aquisição dos conhecimentos, capacidades e atitudes necessárias para utilizar eficazmente essa informação ou tecnologia (a dimensão educativa).

Para este autor, o objectivo da extensão rural é o de permitir às pessoas utilizar essas capacidades, conhecimentos e informações para melhorar o seu nível de vida.

De acordo com Van Den Ban e Hawkins (1996), Extensão é um processo que:

- Ajuda os agricultores a analisar a sua situação presente e futura;
- Ajuda os agricultores a estarem conscientes dos problemas que surgem de tais análises;
- Aumenta e desenvolve os conhecimentos e ideias sobre os problemas e ajuda a construir os conhecimentos que eles próprios possuem;
- Ajuda-lhes a valorizar e melhorar a formação das suas próprias opiniões e habilidades para tomar decisões profícuas.

A extensão não atende na totalidade os pontos mencionados e nem devia fazê-lo. Inicialmente, todo o trabalho da extensão foi realizado por membros das organizações de extensão e não por agentes de extensão individuais. Portanto, a organização da extensão deve decidir o modo de actuar dos seus agentes, respondendo a questões que tem a ver com a filosofia de extensão (Van Den Ban e Hawkins, 1996),

Embrater (1984), definiu a extensão rural como um processo educativo com o objectivo de contribuir para o aumento da produção e da produtividade, da renda e da qualidade de vida das famílias rurais, sem causar danos ao meio ambiente.

Actualmente, há uma preocupação de aliar a extensão rural e suas técnicas à educação ambiental. A importância social da educação ambiental reside no facto de que nessa educação formal e informal, estarem inclusas uma miríade de aspectos que têm em comum um objectivo central: a manutenção de um ecossistema sadio para a geração presente e futura, onde a vida é muito bem valorizada.

Nesta óptica, a educação é entendida e fundamentada na humanização dos homens inseridos no contexto das suas relações sociais, na direcção dos interesses das camadas populares. Assim sendo, a compreensão de educação passa pela compreensão de natureza (Santos, 2000).

Um trabalho educativo ambiental deve abranger vários elementos além de aspectos puramente ecológicos, biológicos, ou práticas ambientalistas pois o mesmo deve ser ligado a um processo pedagógico educativo mais amplo (Embrater, 1984).

De acordo com Röling (1995), a extensão rural deve contribuir para a promoção do desenvolvimento rural sustentável, com ênfase em processos de desenvolvimento endógeno, adoptando - se uma abordagem sistémica e multidisciplinar<sup>1</sup>, mediante a utilização de métodos participativos e de um paradigma tecnológico baseado nos princípios da agro ecologia. Ao mesmo tempo, Röling (1995) sugere que se melhorem os processos de gestão social. Estabelece ainda que a extensão rural seja um processo educativo, permanente e contínuo, que se deve alicerçar numa prática dialógica e numa pedagogia construtivista. Essa Extensão Rural deve contribuir para uma melhor relação entre o urbano e o rural, para a melhoria da qualidade de vida, para fortalecimento da cidadania.

Essa nova orientação opõe-se à prática histórica da Extensão Rural que, desde longa data, esteve baseada na teoria da difusão de inovações, o que levou os extensionistas a voltar sua actuação para a transferência de tecnologia, tendo como objectivo a “modernização conservadora” da agricultura.

---

<sup>1</sup>Como afirma Röling (1995), “o central dos enfoques sistémicos é a aceitação de que a realidade é socialmente Construída.

Posto isto, os agricultores eram vistos como meros depositários de conhecimentos e de pacotes gerados pela pesquisa, muitas vezes inadequados para as condições específicas das suas explorações e dos agros - ecossistemas por eles manejados (Santos, 2000).

De acordo com Caporal e Ramos (2006) esse tipo de Extensão Rural, que foi dominante ao longo de várias décadas, preconizava um modelo de desenvolvimento urbano -industrial cuja viabilização necessitava que a agricultura cumprisse várias funções, entre as quais, a de fornecedora de mão-de-obra e de consumidora de serviços e produtos industrializados, como as máquinas, os equipamentos, as sementes híbridas ou melhoradas, os agro - tóxicos e fertilizantes químicos sintéticos, além de contribuir, para as exportações. Esse modelo, norteou a acção do extensionista com base nessa dicotomia urbana - rural.

Caporal e Ramos (2006), os resultados negativos causados pela prática adoptada pela Extensão Rural, baseada no modelo de desenvolvimento vigente naquele momento, foram alvo de estudos, avaliações e proposições alternativas, que partiram tanto de grupos de resistência que estavam dentro das entidades de extensão, principalmente, de sectores académicos, da sociedade civil organizada, das igrejas e de organizações de representação dos agricultores. Assim, Paulo Freire (1983) destaca-se como um dos primeiros críticos do processo educacional e da extensão convencional, tendo proposto o estabelecimento de uma relação dialéctica entre o agricultor e o extensionista para a construção de conhecimentos apropriados para cada realidade, além da troca de saberes como uma forma de (re) valorização da cultura local e dos recursos endógenos.

Para Souza et al (2010), a gestão da pequena propriedade rural é feita pelo próprio produtor que, em regra, compartilha o conhecimento e os costumes que foram adquiridos pela vivência e observação de práticas anteriormente utilizadas pelos seus familiares. Esse conhecimento adquirido através de experiências não deve ser desprezado pelo técnico extensionista, por ser rico

em valores e informações que ainda não foram formalizados, tratando-se, assim, de conhecimento tácito (senso comum), (Souza et al, 2010).

Importa referir que o conhecimento explícito pelo desenvolvimento de técnicas e processos estudados cientificamente proporcionam subsídios aos produtores para que possam agregar valores aos processos e aos produtos, levando ao uso intensivo de conhecimento como diferencial. Isto permite que os produtores rurais exteriorizem conhecimentos de natureza técnica, fazendo uso das suas práticas quotidianas, transformando-os em elementos que possam contribuir para o diagnóstico actual e, ainda, permitindo que, com o uso desse conhecimento, possam tomar medidas proactivas, gerando competitividade à agricultura, sobretudo a de subsistência (Souza et al, 2010).

Para que essas acções aconteçam, é necessário que o profissional, extensionista rural, desenvolva as competências necessárias para actuar de forma eficiente e eficaz como novo quadro teórico que o sector de agricultura requer. Note-se que, extensionista é todo aquele que se qualifica como agente que contribui para o sucesso dos serviços de extensão (Manual do extensionista de Matutuíne, s/d).

Segundo Lopes, (2011) Extensionista Rural deve estar repleto de valores e ética profissional nomeadamente: liderança, iniciativa, espírito empreendedor, facilidade de relacionamento e articulação, facilidade de comunicação e expressão, capacidade de coordenar trabalhos em grupo, flexibilidade e tolerância, dedicação, dinamismo e persistência, objectividade, entusiasmo, praticidade, vocação, sensibilidade e gosto para lidar com agricultura familiar.

Assim, fica claro que o extensionista não se faz nos bancos das escolas, são profissionais forjados no quotidiano em contacto com a realidade do seu trabalho



Lopes (2011), acrescenta ainda que o extensionista rural é sujeito do seu processo formativo. Participa da acção que gera o seu crescimento e o desenvolvimento da própria organização, situando - se na história e culturalmente, capaz de compreender e transformar a realidade, sabendo - se de ante mão que a realidade é um *constructo* social (Berger, 1986).

O mesmo tem como principal actividade, desenvolver processos educativos que fomentem a construção da consciência crítica das famílias rurais para compreensão da sua realidade possibilitando, deste modo, uma maior participação destas na qualidade de actores do seu próprio desenvolvimento. Outro papel do Extensionista é o de contribuir para a melhoria da renda, da segurança alimentar e da diversificação da produção, manutenção e geração de novos postos de trabalho (Lopes, 2011).

Segundo Puerta (1996), os agentes de extensão abordam informações acerca das normas institucionais agrárias e se esforçam em estimular certos aspectos de desenvolvimento rural como, por exemplo, orientar os agricultores a evitar práticas que poluem o ambiente, e ajudam - nos a actuar como produtores modernos e eficientes. Para este autor, a principal tarefa dos agentes de extensão é ajudar os agricultores a tomar decisões convincentes.

O agricultor decide o que é importante para ele, mas há casos em que o agente de extensão o faz por ele; tomar decisões é uma necessidade quando a situação presente é diferente da desejada; os problemas e a natureza dos mesmos que impedem que os agricultores logrem os seus intentos são barreiras que a extensão deve ajudar a superar. Para o mesmo autor, essas barreiras podem ser as seguintes:

- Os agricultores precisam de conhecimentos adequados e capacidade de observação para identificar os seus problemas ou definir a possível solução. Seus conhecimentos podem estar baseados em informações incorrectas, tradição familiar ou outros factores culturais;

- Os agricultores necessitam de ser motivados para actuar de forma correcta dado que, por vezes, a mudança de conduta é causa de conflito;
- Os agricultores necessitam de meios e recursos. Algumas organizações dos serviços de extensão em vários países, pouco industrializados são responsáveis por providenciar crédito e de distribuir insumos os como fertilizantes;
- Os agricultores podem carecer de conhecimentos sobre como obter os recursos necessários;
- Os agricultores podem carecer de técnicas de poder de negociação;
- Os agricultores podem carecer de conhecimentos para usufruir das relações de poder na comunidade ou sobre a influência dos meios que têm à sua disponibilidade, bem como as formas de como usá-lo para estabelecer certa mudança (Puerta,1996).

Em Moçambique há escassez de estudos que abordam o perfil e o papel do extensionista. No entanto, existem vários estudos que abordam questões relacionados com o papel e impacto da Extensão, percepções dos produtores das associações agrícolas, impacto do Fundo de investimento local na adopção de tecnologias agrárias em várias perspectivas como é o caso dos seguintes autores: Jorge e Come (2013), Cunguara e Moder (2011), Siteo (2010) dentre outros.

A liderança pessoal hoje em dia é um pilar indispensável para o engajamento pessoal. Portanto urge estudar o perfil e o papel do extensionista de forma a saber se este possui competências, conhecimento técnico, habilidades, valores morais por forma a responder as necessidades prementes dos camponeses.

Assim sendo, decorrente do problema, foi colocada a seguinte questão de partida: Quais são os traços/característica e prioridades peculiares do extensionista?

### **1.3 Objectivos**

#### **1.3.1 Geral**

- Analisar o perfil e o papel do extensionista do Distrito de Matutuíne.

#### **1.3.2 Específicos**

- Caracterizar o perfil dos extensionistas de Matutuíne.
- Descrever e analisar os papéis do extensionista.
- Analisar a relação entre o papel e perfil do extensionista.

### **1.5 Justificativa e relevância do estudo**

A justificativa consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa (Lakatos e Marconi1992).

A introdução das organizações de extensão em África, deu-se nos anos 60 e 70. Na maioria dos países do III Mundo, a criação das organizações de extensão foi realizada através da assistência externa proveniente dos EUA. Neles, nota-se com bastante frequência a falta da procura local

dos serviços de extensão e também a grande escassez de pessoal qualificado em agricultura (Swanson, 1991).

O distrito de Matutuíne tem uma área física de 5,403 km<sup>2</sup> que correspondem a 540,300 hectares, dos quais cerca de 32,700 ha (6%) são de terra arável, sendo 16,705 ha correspondentes a áreas irrigáveis e 15,995 a agricultura de sequeiro.

Cerca de 80% da população do Distrito dedica-se à actividade agrícola, sendo a agricultura de sequeiro a que ocupa a maior parte, praticando-se um pouco por todo distrito.

Observando o mapa de aptidão agro - ecológica do distrito, pode-se verificar facilmente que as áreas onde se pratica a agricultura de sequeiro pelo sector familiar correspondem às manchas de solos pobres e com pouca capacidade de retenção de água, o que condiciona os baixos níveis de produção e produtividade agrícola. Esta situação faz com que a maioria da população consiga apenas sobreviver entre 3 a 8 meses com os produtos obtidos da agricultura, sendo necessário recorrer a outras estratégias de sobrevivência como o consumo de frutos e plantas silvestres, ganho -ganho em troca de dinheiro ou alimentos de donativos nos períodos de severidade (PEDM, 2009-2013).

Com a crescente diversidade e competitividade do mercado tem apurado as necessidades das pessoas no que diz respeito aos produtos e serviços oferecidos e à sua qualidade. Para Competir nesse novo cenário, as organizações precisam se ajustar a essa nova realidade, adoptando um sistema de gestão que lhes proporcione capacidade competitiva, percepção e leitura holística do ambiente em que actuam (Souza et al, 2010).

Na agricultura, essas mudanças também estão ocorrendo, inovações tecnológicas estão sendo implantadas nos processos, na exigência de efectividade para diminuição de custos, nos novos paradigmas de gestão, no que se refere a responsabilidade social e sustentabilidade ambiental.

Importa realçar que tais mudanças só poderão ser executadas caso os extensionistas, bem como os produtores rurais internalizem os conhecimentos disponibilizados e externalizem seu conhecimento tradicional, pois essas informações permitem diagnosticar a situação presente e delinear o futuro com acções proactiva (Souza et al, 2010).

A escolha do tema tem como fundamento básico o interesse de fazer um estudo na área de educação em Ciências Agrárias, que na actualidade, constitui uma preocupação para o nosso país em geral, e em particular, para o Distrito de Matutuíne. Por outro lado, esperamos que o estudo possa contribuir nos seguintes aspectos:

- Inculcar a ideia de que a participação das comunidades na resolução dos seus problemas é uma das melhores formas de colocar os beneficiários a definirem a forma de desenvolvimento;
- Suscitar debates académicos sobre o perfil e o papel dos extensionistas moçambicanos;
- Elevar a consciência do governo e da sociedade sobre a importância do papel do extensionista.
- Por fim, que o estudo produza efeitos multiplicador e seja replicado para os outros Distritos com as mesmas características.

A pertinência da escolha do distrito de Matutuíne deve-se ao facto de ser considerado um dos distritos mais pobres da província de Maputo, especialmente a rodoviária, educação do 2º ciclo, electrificação, drenagem irrigação de entre outros (MAE, 2005).

É considerado um dos distritos com fraca cobertura de infra-estrutura sócio - económica da província de Maputo (MAE, 2005). Sendo o distrito, o pólo de desenvolvimento local, é pertinente que haja uma nova exigência em relação ao perfil do extensionista com uma visão

holística com a capacidade de responder aquilo que é seu papel com eficácia, capaz de empreender e inovar o distrito.

## CAPÍTULO II: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com vista a informar -se sobre o enfoque desta pesquisa, recorreu-se à revisão da literatura que aborda questões relacionadas com a extensão rural. o papel da extensão, bem como outros trabalhos afins que analisam a origem, a importância da extensão rural e o papel do extensionista. Para o efeito apresenta-se os pontos de concordância ou discordância entre os autores que se debruçaram sobre a temática em estudo.

### 2.1 A origem institucional da pesquisa e da extensão rural

Na história da agricultura, a acção da pesquisa científica e da extensão rural é muito recente. Até o século XVII a investigação, a geração e a transmissão de tecnologias eram feitas pelos próprios agricultores rurais. (Karam e tal, 2008).

A pesquisa científica em agricultura só começou a ser construída no decorrer daquele século, quando a prática científica foi se consolidando, tendo como epicentro o mundo ocidental europeu. Os cientistas da área das ciências naturais passaram a assumir o papel de investigador e de produtor de conhecimento e de tecnologia para o mundo rural (Karam e tal, 2008).

A pesquisa científica teve um papel relevante na descoberta de sementes melhoradas; de adubos químicos; de pastagens artificiais; e na garantia de tecnologias para o armazenamento da produção cujo objectivo era o de aumento da produtividade agrícola e elevação da produção, atendendo as demandas do capitalismo crescente. A primeira instituição de pesquisa agrícola sustentada com recursos governamentais foi criada em 1852, na Saxônia – Alemanha, por iniciativa de fazendeiros dispostos a encontrar soluções e alternativas para seus problemas de produção (Ichikawa, 1999).

Após a Segunda Guerra Mundial, os países latino-americanos crendo que existiam tecnologias suficientes, dentro ou fora de seus países, para elevar significativamente os níveis de suas produções, optaram por aderir ao modelo da transferência de tecnologia dos países desenvolvidos (Trigo; Kaimowitz, 1994).

Segundo Trigo & Kaimowitz (1994) por volta de 1950 tais países perceberam a necessidade de criar centros de investigação próprios, capazes de adaptar as tecnologias às condições de cada local. Neste sentido, a maioria dos países criaram instituições públicas e semi- autônomas que se dedicaram a realizar testes de variedades, dosagem e aplicação de adubos e pesticidas. Algumas das principais instituições criadas nestes moldes na América Latina foram: o Instituto Nacional de Tecnologia Agrícola (INTA) na Argentina, em 1957; Instituto Nacional de Investigaciones Agropecuárias (INIAP) no Equador, em 1959; o Fundo Nacional de Investigaciones Agropecuárias (FONAIAP) na Venezuela, em 1959/61; o Instituto Nacional de Investigaciones Agrícolas (INIA) – no México de entre outros (Trigo & Kaimowitz, 1994).

Agropecuária (INIPA) no Perú, em 1960; o Instituto Colombiano Agropecuario (ICA) – na Colômbia, em 1963; o Instituto Nacional de Investigaciones Agropecuárias (INIA) – no Chile, em 1964; o Instituto Boliviano de Tecnologia Agropecuária (IBTA), na Bolívia; o Instituto de Desarrollo e Investigaciones Agropecuárias (IDIAP) – no Panamá; o Instituto de Ciencia y Tecnologia Agropecuária (ICTA) – na Guatemala, nos anos 1970; e por último a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) – no Brasil, em 1973. (Trigo & Kaimowitz, 1994).

A extensão rural, tal qual se conhece hoje em dia, também é recente. Entretanto “espírito” do que se pode chamar de extensão fez parte da prática dos agricultores no decorrer da história da humanidade. Segundo QAMAR (2005) a extensão constitui um pilar essencial para a pesquisa e desenvolvimento.



Como destaca Caporal (1991) “ o trabalho de extensão, mesmo sem o privilégio de ter este nome, certamente já foi desempenhado pelo homem no período Neolítico, embora não fosse uma actividade sistematizada sob o rigor científico que marca seu desenvolvimento no mundo capitalista”.

Olinger (1996), afirma que a actividade extensionista é praticada há muitos séculos, baseado em alguns relatos de que na época do Império Romano já havia algumas experiências de instrutores ensinando agricultores a cultivar trigo irrigado nas margens do Rio Nilo, no Egipto. Na Europa, há fortes indícios de que o primeiro e moderno Serviço de Educação e Extensão rural data de meados do século XIX, quando a Irlanda passou por uma forte crise socioeconómica oriunda de fracas safras de batata, motivada por uma doença, que atingiu as plantações no período de 1845 à 1851 (Jones, 1989).

Como a batata, naquela época, representava a base da dieta alimentar dos irlandeses, tal crise resultou em fome e miséria. Face a essa situação o então governador enviou uma carta ao presidente da Real Sociedade de Agricultura da Irlanda, apresentando um projecto de treinamento prático para pequenos agricultores atingidos pela fome. O objectivo deste projecto era capacitar pequenos agricultores para a adopção de novas práticas agrícolas, visando aumentar a produtividade, por meio da organização de uma rede de instrutores agrícolas, os quais seriam responsáveis por aconselhar, instruir e treinar os agricultores (Jones, 1989).

Esta condição, caracteriza o primeiro serviço de extensão rural, destinado a apoiar os agricultores e popularizar os resultados de experiências em pesquisas agrícolas. Todavia, o serviço de extensão rural como instituição pública teve início nos Estados Unidos e surgiu durante o período pós-guerra de Secessão, que representou para a agricultura norte-americana a passagem de uma estrutura escravista para uma estrutura mercantilista e capitalista (Olinger, 1996).

Para Fonseca, (1985) esta mudança estrutural prejudicou pequenos produtores que ficaram excluídos do novo sistema, pois não conseguiam competir com as emergentes empresas rurais capitalistas da época.

Ainda o mesmo autor, a estratégia adoptada pelos pequenos produtores foi a de se organizar em associações agrícolas, para discutir seus problemas de comercialização e aumento de produtividade na busca de possíveis soluções. Inicialmente essas discussões eram feitas em reuniões, mas, com o passar do tempo, começaram a ser organizadas conferências, feiras, palestras e exposições para uma troca de experiências.

Por volta de 1870 foram criados e oficialmente reconhecidos, por diversos estados norte-americanos, os chamados “Conselhos de Agricultura”, que tinham por objectivo promover conferências públicas e cursos de curta duração, com auxílio de universidades e escolas agrícolas. Apenas em 1914 é que o governo federal norte-americano instituiu e oficializou o “serviço cooperativo de extensão rural”, tendo por finalidade disponibilizar para a população rural ausente de escolas agrícolas, conhecimentos úteis e práticos relacionados à agricultura, pecuária e economia doméstica, para a adopção de modos mais eficientes na administração da propriedade rural e do lar (Fonseca, 1985).

O serviço de extensão, passa a ser gerido pelas universidades, em parceria com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. As universidades passam a contar com os “Professores Extensionistas” no seu quadro de pessoal, sendo que o departamento de agricultura, passa a ser o responsável por executar o serviço oficial de extensão rural (Silva, 2000).

Importa realçar que, a extensão rural na Europa e nos Estados Unidos surgiu através de factores endógenos, da necessidade dos agricultores adquirirem conhecimentos que os ajudassem a resolver alguns dos seus problemas relacionados com os seus sistemas produtivos. O

conhecimento adquirido pelos agricultores era construído, mediante trocas de experiências entre agricultor - agricultor e agricultor - técnico (Silva, 2000).

Porém, factores exógenos aos agricultores contribuíram para o surgimento da extensão rural oficial na maioria dos países. Com o propósito de estimular o desenvolvimento económico, os estabelecimentos passaram a ser vistos como unidades produtivas, como uma actividade empresarial visando à obtenção do lucro (Simon, 1996).

Em tais condições o pequeno agricultor também se tornou cada vez mais dependente de factores externos ao estabelecimento, como o mercado de preços; a indústria de máquinas, fertilizantes e insumos; e as pressões por urbanização e relações internacionais (Olinger, 1996).

De um modo geral o serviço de extensão rural se expandiu rapidamente no mundo, em particular nos países subdesenvolvidos da América Latina. Assumindo o modelo clássico, a estratégia se centrava na identificação dos problemas de produção dos agricultores, que eram levados às estações de pesquisa cujos resultados eram transmitidos dos pesquisadores aos extensionistas, e destes aos agricultores. Em tais países a extensão rural foi estruturada pelo Estado, que sempre agia em parceria com agências de extensão e pesquisa rural norte-americana (Fonseca, 1985).

No Brasil, como nos demais países da América Latina, o serviço de extensão rural teve uma forte influência da American International Association (A.I.A.), uma fundação norte - americana de carácter filantrópico, destinada a apoiar projectos tecnológicos, educacionais e de desenvolvimento em países considerados subdesenvolvidos (Silva, 2000). O objectivo destas acções era construir o “desenvolvimento” nesses países sob as mesmas bases do rural americano: a modernização do campo com a utilização de alta tecnologia (karam et al, 2008).

A função da extensão rural bem como das instituições de pesquisa tinha como perspectiva, informar e persuadir os agricultores a adoptarem práticas agrícolas, a fim de incrementarem a produtividade. (Fonseca, 1985).

A extensão rural, segundo Olinger (2006) e Tavares (2006), passou por várias crises desde a sua implantação nos anos 1940, principalmente na década de 1980, com a crise económica, e nos anos 1990, com as políticas neoliberalistas que levaram o modelo institucional e técnico da extensão rural a um processo de encolhimento com a fusão de órgãos públicos, devido escassez de recursos para desenvolvimento de projectos e com a desmotivação dos extensionista por questões salariais operacionais. A cada crise, o papel do extensionista sempre esteve atrelado aos modelos de desenvolvimento e interesses vigentes em cada uma dessas etapas (Tavares, 2006).

Com o cenário mundial em constante transformação e a necessidade de maior produtividade e qualidade para competir num mercado cada vez mais dinâmico, chega-se ao século XXI com uma indefinição no que se refere ao papel do extensionista. Com a falta de um aprendizado contínuo, os métodos utilizados para difusão da informação, soluções de possíveis problemas, para os desafios na agricultura, passaram a não mais atingir os objectivos propostos, as necessidades e exigências do meio rural, pois este avançou no processo de democratização e na busca de equidade social (Souza et al, 2010). Hoje, questiona-se qual é o papel do extensionista rural, suas reais competências para desenvolver o papel social?

Torna-se urgente que os extensionistas se preparem para novos desafios que surgem com a necessidade de gerir o conhecimento, que merece cada vez mais a atenção por parte das organizações e dos indivíduos. (Souza et al, 2010).

Batalha et al. (2005) Comenta sobre uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Agro-industriais (GEPAI) - no Brasil que verificou qual deveria ser o perfil do profissional do

agro negócio? A pesquisa diagnosticou que o profissional deve ser capaz de saber seleccionar as informações relevantes para cada actividade, processá-las com rapidez, saber se comunicar, trabalhar em equipe, repassar conhecimento, empreender e inovar, ou seja, um profissional altamente especializado em questões de produção, com grande flexibilidade e capaz de reagir, de forma positiva, às mudanças do agro negócio. Porém, nota-se uma tendência técnica na formação académica desses profissionais, resultado da especialização e disciplinarização do saber que resultou do modelo implantado (Batalha, 2009).

## **2.2 Extensão Rural**

Van Den Ban e Hawkins (1996), definem a extensão rural como um processo educacional que tem como objectivo o de ajudar as pessoas a interpretar e responder, de maneira apropriada, as mensagens de mudanças que interessam à promoção do desenvolvimento socioeconómico do meio rural, através das forças vivas da comunidade.

Desta forma, considera - se o conceito de Embater (1984), o mais abrangente e pertinente para o este estudo, pois definiu a extensão rural como um processo educativo com o objectivo de contribuir para o aumento da produção e da produtividade, da renda e da qualidade de vida das famílias rurais, sem causar danos ao meio ambiente, pois dá primazia a educação ambiental e pelo simples facto de nessa educação formal e informal, estarem inclusas uma miríade de aspectos que têm em comum um objectivo central: a manutenção de um ecossistema sadio para a geração presente e futura, onde a vida é muito bem valorizada. Há necessidade do extensionista para além dos aspectos relevantes referidos em outros conceitos também mostrar ao agricultor a importância de saber gerir os recursos existentes de forma racional e que possam servir para as gerações vindouras.

Nesta óptica, a educação é entendida e fundamentada na humanização dos homens inseridos no contexto das suas relações sociais, na direcção dos interesses das camadas populares. Assim sendo, a compreensão de educação passa pela compreensão de natureza (Santos, 2000).

Um trabalho educativo ambiental deve abranger vários elementos além de aspectos puramente ecológicos, biológicos, ou práticas ambientalistas pois o mesmo deve ser ligado a um processo pedagógico educativo mais amplo (Embrater, 1984).

### **2.3 Extensão Rural em Matutuíne**

Em Matutuíne o serviço de extensão surge desde 1995, pois, esta está prestando assistência técnica aos produtores, com vista à melhoria da produção e produtividade.

Para tal, houve necessidade dos extensionistas introduzirem novas práticas ou melhorarem as existentes, demonstrando como fazê-las. Essas demonstrações eram realizadas directamente nas propriedades dos agricultores, geralmente no terreno de um líder comunitário, sob o princípio pedagógico do “ensinar a fazer, fazendo”. Quer dizer, o técnico ou extensionista tinha que realizar a prática (demonstração) na frente de um grupo de produtores e logo após, a lição era repetida, comentada e avaliada pelos presentes (Cumbe, 2013<sup>2</sup>).

O serviço de extensão era dirigido à família agricultora e todos participavam dos projectos executados. Através desse serviço a família recebia novos conhecimentos sobre agricultura, pesca, pecuária, combate a doenças e pragas das plantas, adubação do solo, épocas apropriadas de plantio, armazenagem, conservação de alimentos e outras práticas (Cumbe, 2013)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Director do SDAE (Cumbe Domingos) inquerido em Março de 2013.

<sup>3</sup>Director do SDAE (Cumbe, Domingos) inquerido em Março de 2013.

## 2.4 Extensão

De acordo com Adams (1982), o termo Extensão foi inicialmente usado em conexão com a educação há cerca de 100 anos, o qual era então usado pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra, para descrever o método de difusão de conhecimentos, às populações que viviam ao seu redor. O pioneiro deste sistema foi Richard Moulton, conferencista em literatura. Ele e os seus companheiros viajavam de cidade em cidade ensinando adultos, que devido ao seu emprego nas fábricas e escritórios viam-se impossibilitados de receberem uma educação formal nas universidades. Embora a primeira Extensão não tivesse ligações com a agricultura, ela caracterizava-se por três elementos comuns aos modernos programas de Extensão Agrícola, nomeadamente:

- O conhecimento por ser difundido;
  
- O povo a ser servido;
  
- O extensionista ou o homem de contacto

Para os extensionistas de Matutuíne O termo Extensão passou a ser usado para designar a educação não formal providenciada aos agricultores e a comunidade em geral. O propósito desta acção é de ajudar a difundir informações sobre práticas melhoradas por forma a elevar a sua produção e produtividade; ajudar os camponeses a valorizarem os seus conhecimentos. Segundo Van Den Ban (1996), a etimologia da palavra extensão, vem do latim em que significava animação. O significado do termo extensão é bem conhecido e aceite por aqueles que trabalham em organizações e serviços de extensão, mas não é bem entendido pela maioria. A expressão “extensão universitária” foi primeiramente usada na Inglaterra nos anos 1840, incorporada na Royal Comission na Universidade e Colégios de Oxford (1852).

Amplamente exposta e assumida por William Sewell em *Suggestions for the Extension of University* (1850); 1867-68. James Stuart, Fellowdel Trinity College, é considerado o pai da extensão universitária por ter organizado conferências para mulheres e em associações e clubes de trabalhadores. Cambridge adoptou oficialmente o sistema em 1876; Depois a Universidade de Londres (1876); Universidade de Oxford (1878). Extensão é conhecida nos EUA como Serviço de Extensão cooperativo nos primeiros anos do SEC. XX, associados os Escolas ou Departamentos da Agricultura. Cada Estado (nos EUA) obteve terra oferecida pelo governo para estabelecimento de estações de experimentação agrária e instalações para associações educativas ou escolas agrícolas; A maioria destas escolas é actualmente Universidades de grande prestígio (Van Den Ban, 1996).

Ainda o mesmo autor, naquela época os termos mais frequentes em Holanda eram:

- 1) *Voorlichting* que significa iluminar o horizonte.
- 2) A Indonésia segue Holanda: *Penyuluhan*, estes usavam este termo (*significa* alumiar);
- 3) Malásia: *Perkembangan* (significa estender como os americanos);
- 4) Ingleses e alemães falam “*Beratung*”; em assessorar:
- 5) Os alemães ainda falam em iluminar (“*Aufklarung*”); também falam “educação” (*Erziehung*) como nos EUA;
- 6) Os austríacos falam em “promover” (*Forderung*) ou induzir na direcção desejada; como na Coreia onde se emprega o termo “guia rural”;



- 7) Os franceses utilizam o termo “vulgarización”; em Espanha usa-se o termo Capacitación para mostrar a intenção de melhorar as habilidades pessoais pelo homem (Van Den Ban & Hawkins, 1996).

No entanto, este acto de estender algo do extensionista aos camponeses tem alimentado discussões no seio de alguns pensadores. Freire (1985), por exemplo, não acredita que o trabalho do extensionista seja apenas o de estender as suas técnicas aos camponeses. Ele propõe que seja feita uma problematização da situação concreta e objectiva dos camponeses de modo que captando-a criticamente, alias, Muniz (1999) corrobora com esta ideia dizendo que é necessário questionar as premissas da extensão e substituí-las por outras, permitindo a introdução de novos conceitos que possam se constituir em referências interpretativas”. Amilai (2000) chama atenção pelo termo extensão ser usado indistintamente em Moçambique ora como rural ora como agrária o que, em termos semântico, não quer dizer a mesma coisa.

Desta forma, Freire (1985) não compactua com a ideia de que a tarefa do extensionista corresponda ao acto de estender, mas sim ao acto de comunicar porque existe uma troca de ideias ou conhecimentos entre o extensionista e o camponês. Segundo (Schutz, 1979) a fenomenologia indica – nos que todo o Homem tem um estoque de conhecimento à mão que serve como um código de interpretação de suas experiências passadas e presentes e que também determina a antecipação das coisas que virão.

## **2.5 Extensionistas**

São todos os que se qualificam como agentes que contribuem para o sucesso dos Serviços de Extensão (Manual do extensionista de Matutuíne, s/d).

Neste contexto, o extensionista apenas assume o papel de iniciador e facilitador do diálogo, da troca de informações entre ele e os camponeses e entre estes sobre novas opções tecnológicas. No entanto estas opções deveriam emergir de um processo de comunicação participativa em que produtores, extensionistas, investigadores e outros parceiros contribuem em conjunto para identificar os principais problemas que limitam a produção, produtividade e rendimento dos camponeses.

Esta forma de proceder teve como consequência a legitimação da difusão e da persuasão nas práticas comunicacionais. É esta forma de comunicação que está sendo lentamente substituída por um novo paradigma de comunicação que envolve o diálogo, permitindo a participação dos camponeses.

## **2.6 Comunicação na Extensão Rural**

A extensão rural entendida como acção implica um acto de comunicação que envolve vários métodos e meios (Rogers, 1983).

Segundo a FAO (1993), comunicação na extensão rural é o uso sistemático de canais e técnicas apropriadas de comunicação com vista ao aumento da participação das famílias rurais no desenvolvimento e para informar, motivar e formar a população rural, especialmente os pequenos produtores.

Segundo Rogers (1983), a difusão é o processo pelo qual uma inovação é comunicada através de certos canais entre os membros de um sistema social. É um tipo especial de comunicação no qual as mensagens são relacionadas com uma nova ideia. A difusão adquire uma dimensão social, como processo de disseminação de uma inovação num sistema social através do tempo, como tal é um fenómeno de grupo.

A essência do processo de difusão é a troca de informação em que um indivíduo comunica uma nova ideia ao outro ou a várias outras pessoas. As partes envolvidas neste processo vão estar ligadas através de canais de comunicação como meios através dos quais a mensagem passa de um indivíduo para o outro (Rogers, 1983).

Segundo Swanson (1991), para transmitir a mensagem, o extensionista necessita destes canais de comunicação, para fazer chegar uma mensagem aos camponeses. A mensagem reveste-se de vários conteúdos e objectivos. Podendo ser de informar, motivar e formar a população rural sobre assuntos ligados à agricultura e ao desenvolvimento rural. Depois de transmitir a mensagem, o extensionista espera resposta, o feedback, para testar se a nova ideia teve mérito, ou seja, se convenceu o camponês a tomar a decisão de experimentar a nova tecnologia.

Segundo Oakley (1992), para além do contacto extensionista/camponês existe a capacidade dos próprios camponeses de promover a difusão horizontal das inovações agrícolas. Uma comunicação eficaz no âmbito da extensão rural usa todas as possibilidades de transferência de informações do tecido social através das redes sociais. As ligações sociais formam redes que podem ser usadas na transmissão de informações sobre as inovações agrícolas por exemplo.

Temos, então, uma situação em que o extensionista é o iniciador do processo de difusão e, depois, segue-se um processo de difusão horizontal de que a sociedade se encarrega de realizar através das suas redes, como a família, o grupo de parentesco, congregações religiosas e a comunidade local.

## **2.7 Métodos de Comunicação na extensão rural**

Na extensão existem vários métodos que podem ser individuais, de grupo e de massas.

Conforme Oakley (1992) existe um número significativo de métodos de extensão, que ao mesmo tempo são métodos de comunicação. Entre estes métodos o extensionista de campo escolhe aqueles que lhe permite realizar melhor o seu trabalho de transmissão de informação e capacitação dos camponeses.

Convencionalmente, a classificação considerava esta divisão literal dos métodos em três grupos:

- No método individual, o extensionista relaciona-se com os camponeses numa base de um para um;
- No método de grupo, o extensionista faz com que os camponeses se juntem, de uma ou de outra maneira, com vista a realizar o seu trabalho e no método de massas, a informação é veiculada para muitos receptores.
- No entanto, com o evoluir da ciência, um método considerado tradicionalmente de massa, também pode ser usado como de grupo e conseqüentemente tem a possibilidade de produzir os mesmos resultados e com a mesma eficácia, como por exemplo, a rádio e a televisão. Isto prova que, em extensão não existe um método que seja melhor que o outro.

### **2.7.1 Métodos Individuais de Comunicação na Extensão Rural**

Os métodos individuais são provavelmente os mais universalmente utilizados. Algumas características destes métodos são:

- O contacto, é feito pessoa por pessoa em casa ou na machamba do camponês ou ainda no escritório do extensionista;

- Facilita a discussão de questões de interesse mútuo, dando aos camponeses informações e assistência técnica;
  
- Os encontros individuais criam confiança entre o extensionista e o agricultor.

Entre as formas de contacto destacam-se:

(i) visitas à machamba do camponês, (ii) audiências no escritório do extensionista, (iii) chamadas telefónicas, (iv) cartas pessoais, (v) correio electrónico, (vi) contactos informais de entre outros (Manual do extensionista de Matutuíne (sd)).

### **2.7.2 Métodos de Grupos de Comunicação na Extensão Rural**

Os métodos de grupo oferecem a possibilidade de uma maior cobertura da extensão rural. Algumas características destes métodos são:

- O extensionista envolve mais camponeses;
  
- As questões são articuladas em conjunto;
  
- Há possibilidade de discutir as mensagens em conjunto (SWANSON, 1991).

### 2.7.3 Métodos de massas

Visam a atingir ou influenciar um grande número de camponeses ou pessoa.

## 2.8. Constrangimentos da Extensão Rural

Para que o trabalho de extensão tenha êxitos é importante que se tenha em conta a participação do grupo alvo, pois de contrário os programas podem enfrentar vários constrangimentos.

Segundo Hawkins (1994), para que se note eficácia nos programas de extensão rural, é sempre necessária a participação da população durante o processo todo. O conceito de participação com o qual nos identificamos é definido por Hawkins (1994), como envolvimento dos representantes da comunidade rural nos processos de decisão no concernente aos objectivos, ao grupo alvo, a mensagem, aos métodos, e às organizações dos serviços de extensão.

Hawkins (1994), O problema que se coloca assenta-se nos mecanismos e tipos de participação. Com efeito, certos estudos revelam que nem sempre a participação tem sido eficaz, na maioria das vezes as condições existentes não favorecem a uma participação condigna, devido a eventuais obstáculos, nomeadamente: (i) centralização de tomada de decisões; (ii) atitudes, valores e aptidões não apropriadas do pessoal; (iii) sistema de avaliação não apropriado; (iv) mudança frequente do pessoal; (v) corrupção.

De referir que entre os obstáculos ligados à comunidade destacam-se os seguintes: (i) falta de organizações locais apropriadas; (ii) falta de capacidade de direcção e de organização; (iii) falta de infra-estruturas na comunidade; (iv) espírito de discórdia e divergência nos interesses económicos; (v) passividade adquirida e falta de tempo (Hawkins, 1994).

Dentre os obstáculos acima delineados, existem alguns pontos passíveis de discussão, por exemplo, no que diz respeito a falta de capacidade de direcção e organização. O que se verifica é que existem preconceitos relativamente a população rural no que diz respeito as suas capacidades organizativas.

O que se pode verificar para discordar com este ponto é que a História mostra-nos que os africanos já puderam viver de uma máquina administrativa eficiente, dirigida por indivíduos analfabetos, mesmo no período anterior à ocupação colonial (Pélissier, 1994). No que concerne aos constrangimentos da participação comunitária Lele (1980) defende que o problema assentasse nas condições de trabalho do extensionista.

## **2.10 O papel do extensionista**

De acordo com Swanson (1991) existe um número ilimitado de papéis que se pode esperar que o extensionista desempenhe, incluindo os de advogados, professor, organizador, fiscal de regulamentos, planeador, catalisador, coordenador, cobrador de taxas, e especialista em comunicações. O extensionista pode ter a capacidade de apresentar e demonstrar o uso de novas tecnologias agrícolas. Contudo, se as limitações existentes incluírem a falta de mão – de - obra durante os períodos de ponta, dificuldades com os transportes, a política de exportações ou os incentivos de preços, provavelmente ele pouco poderá fazer para alternar essa situação. O que se pode esperar é que os extensionistas tenham uma melhor compreensão que o processo de mudança se realize dentro dos limites do possível, pois ele deve tentar observar o contexto global das situações dos agricultores, evitando ao máximo as noções pré concebidas sobre aquilo que existe ( Swanson, 1991).

Antes de introduzir novas tecnologias numa comunidade rural é essencial ter informações qualitativas, pois, num determinado contexto rural, deve-se seleccionar o que é realmente

importante e pertinente. Pode - se concentrar a atenção em alguns dos problemas mais óbvios sentidos pelos agricultores na sua experiência e nas circunstâncias do meio rural que podem incidir na tomada de decisões referentes à agricultura.

As seguintes questões apresentam formas de obter algumas destas informações:

- 1) Qual é o carácter do sistema de cultivo?
- 2) Existe e é utilizada a mão - de - obra assalariada ou familiar? Qual é a contribuição em termos de mão - de - obra dada pelos homens, mulheres e crianças? Para quais culturas?
- 3) Como se tomam as decisões quanto ao tempo a atribuir às diversas culturas e quais são os métodos de cultivo?
- 4) Quais são as exigências e hábitos alimentares dos lares rurais? Os principais alimentos são adequados e estão disponíveis?
- 5) A que tipo de grupos rurais ou de povoações é que os agricultores estão ligados?
- 6) Quais são os padrões de influencia e autoridade existentes ao nível de aldeia/ comunidade? Quem é que possui um estatuto elevado? Em que critério é que se baseia esse estatuto?
- 7) Como é que a informação particularmente a que se refere à agricultura é difundida na aldeia? Que ligações é que os agricultores tem com fontes exteriores de informação?



- 8) Que tipo de indivíduos constituem líderes de opinião e modelos para os agricultores? E modelos para os agricultores?
  
- 9) Como é que as decisões dos agricultores são efectuadas pelas decisões dos demais, pelas necessidades, objectivos e recursos familiares, por experiências recentes, pela percepção de alternativas, por limitações, ou os vários métodos de simplificação por eles adoptados (“rotinas”) regras empíricas e rituais?
  
- 10) Que organizações e órgãos agrícolas é que actuam a nível local? Que é que servem? Como são encaradas pelos agricultores? Até que ponto parecem ser eficazes? Que necessidades não são satisfeitas?
  
- 11) Quais são os serviços de comercialização, crédito e extensão disponíveis? Que utilidade prática é que tem? Como são vistos pelos agricultores?

Quais são alguns dos prováveis efeitos de introdução de novas tecnologias novas avançadas, à luz das suas características e exigências? (Manual do extensionista de Matutuine, s/d).

As respostas a estes tipos de perguntas fornecerão um contexto para a compreensão do comportamento dos agricultores, nomeadamente ao tomar decisões sobre a agricultura.

Existem outras grandes responsabilidades do extensionista para além da compreensão da situação agrícola e da cultura local. Este deve, em primeiro lugar, estabelecer um relacionamento de mudança com os agricultores. Para ter alguma influência sobre as decisões dos agricultores quanto a inovações o mesmo, tem que ser visto como uma pessoa competente, atenta às necessidades do agricultor portanto que tem de algo útil para difundir.

Pode - se criar uma certa empatia fomentando a discussão dos problemas dos agricultores com os próprios agricultores, e procurando compreender as limitações à produção do seu ponto de vista. A competência do extensionista e a opinião que os agricultores têm dele serão influenciadas pela formação que este recebeu em temas económicos e sociais (Manual de referências, 2ª edição, Extensão Rural, 1991).

Outro papel fundamental do extensionista é a avaliação das necessidades dos agricultores, quer com respeito aos tipos de tecnologias que correspondem ao seu sistema agrícola, quer quanto aos níveis de capacitação e às informações necessárias para promover com êxito a transferência das tecnologias apropriadas. Em muitos casos o extensionista deve fazer com que entre os agricultores surja a necessidade de inovação (Rogers, 1969).

### **2.10.1 O papel do extensionista no que concerne a participação dos agricultores**

A actuação do extensionista numa perspectiva diferenciada requer uma nova postura de trabalho, um novo papel e, talvez, um novo perfil, baseado na participação, consciência crítica e na transformação da sociedade em busca do almejado desenvolvimento rural sustentável, (Swanson, 1991).

Uma reclamação muito comum entre os extensionistas de acordo com Swanson (1991), é difícil conseguir a participação dos agricultores em reuniões e projectos, mas a principal dificuldade é precisamente conquistar o interesse e o envolvimento daqueles para quem as actividades foram especialmente concebidas: os pequenos (e mais pobres) agricultores. E quando existe, esta participação é geralmente irregular ou passiva.

Na verdade esta questão da participação, deveria merecer muita mais atenção em todas actividades de extensão por ser tão difícil e complexa. A participação deve ser considerada como

um objectivo em si mesmo, pois é óbvio que os extensionistas podem exercer muito pouca influência sobre a vida das pessoas se não tiverem acesso a elas. Muitas vezes os extensionistas erroneamente partem do princípio que aquilo que estão a tentar promover é tão atraente para os agricultores que estes acabarão por participar voluntariamente. Os que se apresentam imediatamente como voluntários tendem a ser os mais favorecidos da comunidade. Muitas vezes são os que vivem melhor, possuem maiores propriedades ou têm maior nível educacional (Swanson, 1991).

O trabalho do extensionista no sentido de obter a participação do agricultor na mudança em geral não é fácil, e as vezes, mesmo após um grande esforço, apenas uma pequena percentagem do grupo previsto acaba por participar nos programas agrícolas. Isto pode ser traduzido por aquilo que Cristóvão (2003) denomina de paradoxo de extensão.

Face a esta inquietação, sugerem-se algumas recomendações de ordem geral sobre como um extensionista pode obter uma participação mais ampla nos programas agro - pecuários:

- As pessoas estão muito mais dispostas a participar em actividades que correspondam às suas “necessidades sentidas.” Uma rápida avaliação de necessidades pode ajudar a definir quais são as necessidades e prioridades dos agricultores. É mais provável que a população participe se os benefícios efectivos estiverem directamente ligados à participação.
- Os agricultores, especialmente os de baixos rendimento, têm maior probabilidade de participar extensivamente em actividade de desenvolvimento se os benefícios forem materiais, directos e imediato. As pessoas investem a sua participação em actividades que pensam poder beneficiá-las. Há indícios de que no trabalho com pessoas com baixo nível de instrução, os benefícios têm que ser óbvios e tangíveis. Uma das melhores maneiras de

suscitar o interesse dos agricultores é o uso de demonstrações e ensaios convincentes e realistas.

- Os extensionistas não devem esperar que a participação de um pequeno grupo de agricultores “ progressistas” acabe por levar a uma participação mais ampla. Os agricultores mais avançados não têm grande interesse em fornecer outros agricultores os detalhes necessários sobre as práticas melhoradas, não costumam ser consultadas, e são considerados irrelevantes para a situação dos pequenos agricultores (Johnston e Clark, 1982).

### **2.10.2 O Papel do extensionista em relação aos métodos para o ensino da extensão.**

A principal responsabilidade do extensionista é educação. Existe um número de métodos e técnicas de ensino de entre os quais o extensionista pode escolher para criar situações educativas e maximizar transferência de informações e capacidades à alunos jovens e adultos.

Em primeiro lugar importa referir que nenhum método é em si melhor que qualquer outro.

O extensionista deve escolher a técnica mais adequada à situação, nenhuma técnica deve ser considerada de superior a qualquer outra.

Devem ser usados vários métodos na realização de um programa. A experiência adquirida no trabalho de extensão demonstra que quanto maior for a forma de apresentar uma nova informação, mais rapidamente o indivíduo aprende. A utilização de combinação de métodos reforça a informação contida na demonstração.

O uso de material visual e escrito sempre que possível pode ser reforçado e apoiado pela utilização de material visual e escrito (Laird, 1972).

### **2.10.3 No que concerne as técnicas**

O extensionista, na sua interacção com a população, utilizar o método individual de ensino. Apesar deste método ser moroso, a sua importância não pode ser sobrestimada, pois é no trabalho individual com os beneficiários que o extensionista aprende a conhecer a população da zona, como esta pensa, quais são as suas necessidades e como trabalha. Possibilidade do contacto individual e o conhecimento mútuo entre o agricultor e o extensionista. Em última extensão cria – se uma empatia entre ambos (Artur, 2003).

### **2.10.4 O papel do extensionista na transferência de tecnologias**

Há tendência incorrecta da parte de alguns pensar que a extensão rural equipara-se ao termo transferência de tecnologia. A transferência de tecnologia inclui também:

- 1) desenvolver/ programar as necessidades para a mudança;
- 2) estabelecer uma relação de troca de informações;
- 3) diagnosticar os problemas dos produtores;
- 4) criar desejo/intenções/ vontade para uma mudança no seio dos produtores;
- 5) traduzir intenções em acções reais.

estabelecer adopção e prevenir desistências (Manual do extensionista de Matutuíne (sd)).

### **2.11 Tarefas e Funções do extensionista**

As tarefas e funções essenciais do extensionista são: (i) motivar/ animar o produtor; (ii) educar adulto/ jovem; (iii) disseminar informações úteis (tecnologias, mercados); (iv) formular métodos e conteúdos da extensão; (v) apoiar produtores na solução dos seus problemas; (vi) planificar programas/ actividades de extensão; (vii) avaliar programas de extensão (Manual do extensionista de Matutuíne (sd)).

As tarefas e funções complementares são: (i) fornecer insumos; (ii) apoiar na comercialização e conservação de excedentes agrícolas; (iii) coordenar com a investigação, implementar experimentações agrárias; (iv) expandir infra - estruturas de interesse para os produtores (Manual do Extensionista de Matutuíne, s/d)).

#### **2.11. Tarefas e funções Incompatíveis**

São consideradas incompatíveis as seguintes funções e tarefas: (i) exercer papel de fiscalizador dos produtos (sanidade, florestal); (ii) conceder e/ ou cobrar créditos, entre outros (Manual do extensionista de Matutuíne, s/d)).

### **2.12 Princípios orientadores para sucesso do trabalho de extensão**

Para o sucesso do serviço de extensão e do extensionista, aqui se apresentam alguns princípios de orientação para o extensionista ou o que ele deve e não deve fazer no seu ambiente de trabalho. Pretende-se, portanto, com base nestes princípios contribuir - se para a melhoria da acção do extensionista no seu trabalho com o camponês.(Manual do extensionista de Matutuíne /sd).

### 2.12.1 O que um extensionista deve fazer:

- 1) Conhecer/dominar a sua profissão (teoria e prática): requer concentração; evitar espalhar-se, evitar saber tudo;
- 2) Estudar as condições e práticas locais incluindo a cultura da população: exercício contínuo e permanente. Conhecendo a situação é fácil desenhar um programa que responda à realidade (numa extensão de resposta);
- 3) Manter os compromissos marcados/ assumidos com os camponeses: salvo por motivo de força maior, e, nessa altura, providências terão de ser tomadas para cobrir a lacuna;
- 4) Apresentar – se e explicar os objectivos da visita: ao visitar a comunidade especialmente nos primeiros contactos;
- 5) Fixar caras e nomes: procurar conhecer cada membro da comunidade que assiste entanto que pessoa. O Seu nome, é uma canção que qualquer um gosta de ouvir;
- 6) Cumprimentar todas pessoas que conhece (esteja onde estiver), faz parte das boas maneiras;
- 7) Amar e estar sinceramente interessado pelo bem - estar da comunidade: amar é obrigação não é opção e amor é língua que não precisa de tradução;
- 8) Identificar - se com pessoas tanto quanto possível;

- 9) Ser informal e delicado;
- 10) Desenvolver a arte de saber ouvir (rápido a ouvir mas lento a opinar);
- 11) Usar a língua local e linguagem simples;
- 12) Começar com necessidades simples e comuns que podem ser facilmente satisfatórias (para ganhar confiança);
- 13) Se descobrir que errou, admitir o erro, se for por se for ignorância aceitá-lo como tal;
- 14) Insista que os representantes das comunidades ou grupos, tomem parte no processo de elaboração, execução e avaliação dos planos a nível das comunidades;
- 15) Usar líderes locais e cooperar com todas as pessoas e organizações que trabalham para o desenvolvimento da comunidade;
- 16) Procurar estender os benefícios da extensão a todos os grupos e indivíduos;
- 17) Saber acomodar novas ideias ou introduzir correcções ao programa (diálogo);
- 18) Ter um sistema de valores muito forte (o extensionista, deve assinar um memorando de entendimento consigo mesmo);
- 19) Manter o registo das visitas e, logo depois, enquanto a memória estiver fresca;



20) Ser proactivo. (Manual do extensionista de Matutuine /sd).

### 2.13 O que um extensionista não deve fazer

- 1) Não começar com promessas de falsos benefícios, ou sem segurança de as satisfazer;
- 2) Não criticar, queixar-se, lamentar ou condenar. Um Profissional não critica, trabalha. Antes de se queixar deve cumprir com as obrigações;
- 3) Evitar argumentos;
- 4) Não tentar mostrar que as ideias são suas (valorizar as boas sugestões oriundas da comunidade);
- 5) Não corrigir o colega ou criticar o subordinado na presença dos camponeses;
- 6) Não manipular o grupo, ou aproveitar-se da fragilidade de um ou outro para tirar benefício próprio em detrimento do que foi conjuntamente estabelecido.
- 7) Não procurar ter protagonismo, mas sim mostrar assessoria;
- 8) Nunca deixar coisas a meio ou despachadas;
- 9) Não usar métodos compulsivos ou autoritários (autoritarismo puro não resolve os problemas. Usar métodos educativos, fazer combinação de métodos para produzir melhores resultados. É preciso saber induzir demonstrando;

- 10) Não dar nada de graça, excepto os serviços (reduzir o hábito de estender a mão pedindo, pois gera dependência);
  
- 11) Nunca mostrar insegurança diante do camponês (insegurança não é o mesmo que ignorância). Se não tem certeza do assunto não invente;
  
- 12) Nunca estar à margem da lei ou pretender pôr a lei nas costas, deixar que a lei o conduza (Manual do extensionista de Matutuíne /sd).

## **CAPÍTULO III: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

Do modo a alcançar os objectivos previstos, apresentou – se a caracterização da região em estudo bem como a metodologia usada na realização do presente trabalho.

### **3.1 Caracterização da região em estudo**

#### **3.1.1 Localização**

De acordo com o Plano Estratégico do Distrito de Matutuíne (PEDM, 2009-2013), esta região localiza-se no extremo Sul da Província do Maputo e do País, entre os paralelos 26° e 27° de Latitude Sul e, entre 32° e 33° de longitude Este. A Norte este distrito é limitado pela baía com a Cidade do Maputo. A Sul é confinado pela República da África do Sul, através da Província de Kuazulo-Natal. O Este é banhado pelo Oceano Índico e a Oeste limita-se com os distritos de Namaacha e Boane estando confinado com o Reino da Suazilândia. O Distrito possui uma superfície de 5,403 km<sup>2</sup>. De acordo com o Censo da População e Habitação de 2007, a população desta região é de 37,1666 habitantes, sendo a maioria composta por de mulheres, na ordem de 51.5%.

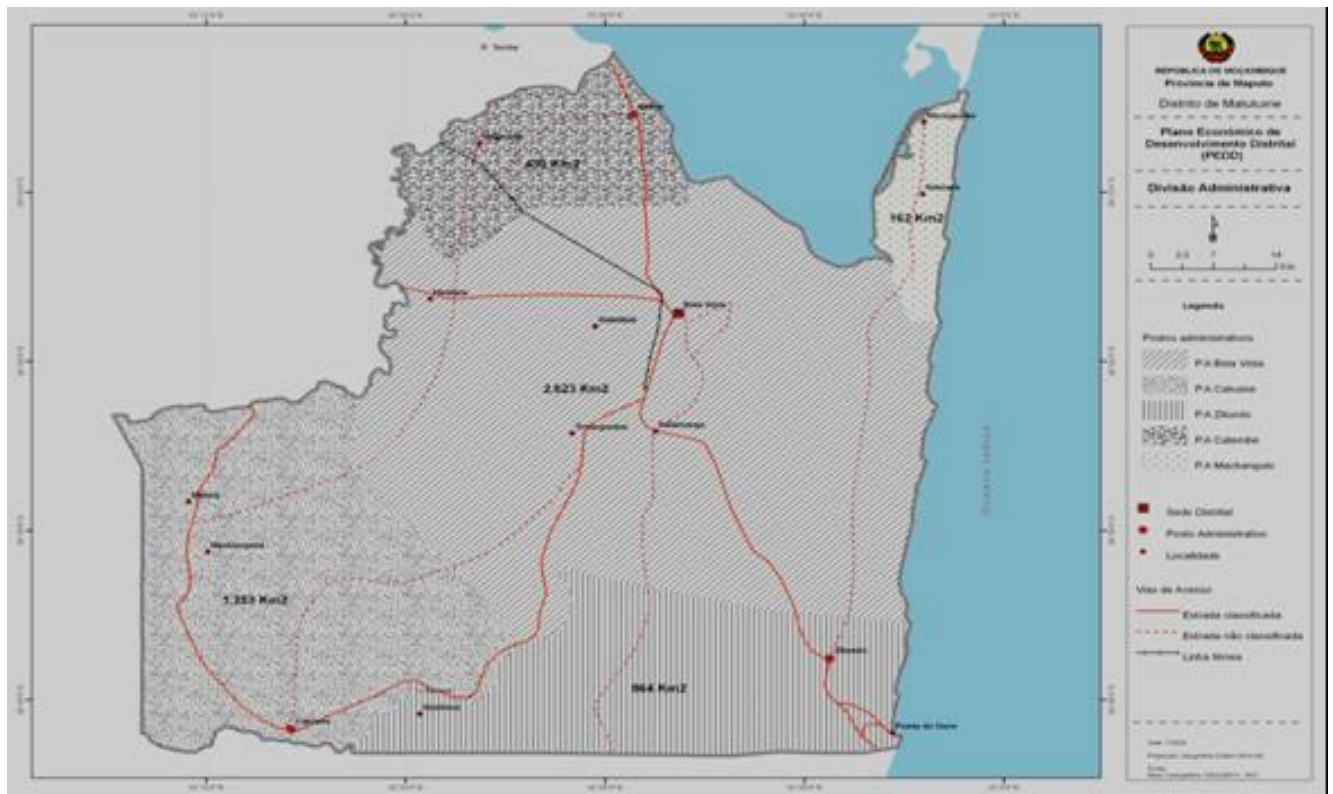
#### **3.1.2 Divisão administrativa**

O Distrito de Matutuíne tem cinco (5) Postos Administrativos, nomeadamente: Bela Vista, Catembe-Nsime, Catuane, Machangulo e Zitundo e, estes por sua vez subdividem -se em Localidades, sendo: O Posto Administrativo de Bela Vista – (Sede do Distrito), que tem quatro (4) localidades: Madjuva, Missevene (Bela Vista), Salamanga e Tinonganine; O Posto Administrativo de Catembe-Nsime que tem duas (localidades): Mungazine e Nsime (Sede do

## Perfil e papel do extensionista — O caso de estudo do Distrito de Matutuine

Posto); O Posto Administrativo de Catuane que tem duas (2) localidades: Manhangané e Phazimane (Catuane-Sede); O Posto Administrativo de Machangulo que tem duas (2) localidades: Ndelane e Nhonguane (Santa Maria-Sede do Posto) e o Posto Administrativo de Zitundo com duas localidades: Manhoca e Zitundo-Sede (INE 2012).

Figura 1 – Mapa da Divisão Administrativa de Matutuine



Fonte: (MINAG<sup>4</sup>, 2010).

<sup>4</sup> Ministério da Agricultura.

### 3.1.3 Condições Físicas -Naturais

#### 3.1.3.1 Clima

Ainda de acordo com o (PEDM, 2009 - 2013) o clima do Distrito de Matutuíne, não foge ao padrão geral prevalecente no Sul de Moçambique e que de uma forma geral é classificado de sub-tropical. Ocorrem ao longo do ano, duas principais estações: a chuvosa é quente que vai de Outubro a Abril; e a seca e fria que vai de Maio a Setembro.

Do ponto de vista do comportamento das variáveis climáticas como sejam a temperatura, a precipitação e a evapotranspiração verifica-se a ocorrência de uma significativa variabilidade espacial.

A precipitação apresenta uma variabilidade espacial significativa quando se caminha da costa para o interior.

Ao longo da orla costeira observam-se valores médios de precipitação anual na ordem dos 1000/ mm decrescendo à medida que se caminha para o interior até aos níveis de 600/ mm. Ao longo da fronteira ocidental, verifica-se uma ligeira subida dos níveis pluviométricos justificada pelos efeitos da altitude.

Relativamente aos solos do distrito o documento acima mencionado acrescenta que estes são maioritariamente arenosos, ao longo da costa, e os mesmos se caracterizam pela fraca capacidade de retenção da água e, conseqüentemente, uma taxa elevada de infiltração. Ao longo dos principais vales fluviais ocorrem solos aluvionares com elevadas concentrações de argila, o que determina uma significativa capacidade de retenção de água. Nas porções mais próximas ao

sistema oceânico, os índices de intrusão salina são de certo modo consideráveis nestes vales fluviais, o que determina a ocorrência de solos salinizados.

Nas regiões correspondentes ao sopé da cordilheira dos Grandes Libombos, a natureza basáltica do embasamento geológico, determina a formação dos solos basálticos e argilosos. Estes tipos de solos, são geralmente muito férteis e com significativa capacidade de retenção da água.

As características dos solos influenciam os padrões de desenvolvimento agrícola no distrito, de tal forma que as áreas localizadas ao longo do Rio Maputo são as que proporcionam maior produção e produtividade agrícola.

### **3.1.3.2 Hidrografia**

Do ponto de vista físico, a região é definida pelas bacias dos rios Maputo e Tembe. Os principais rios são Maputo, Tembe, Futi, Nsele e Chilichili. Estes são, por sua vez, condicionados pelo regime climático prevalecente na zona, o que lhes confere um carácter marcadamente sazonal.

Também, uma vez que a maior parte destes rios têm a sua origem fora dos limites do território nacional, tal regime hídrico é igualmente condicionado pelo padrão de exploração destes rios nos países em que nascem. Na conformação dos seus caudais médios anuais, grande contributo dos mesmos é determinado pelas quedas pluviométricas além fronteiras sendo, também de destacar as quedas pluviométricas ao longo da cordilheira dos Grandes Libombos. Esta cordilheira determina também um padrão de rede de drenagem dentífrico.

Ao longo da faixa central do distrito até à costa, a topografia, natureza sedimentar do substrato geológico, constituem os principais reguladores do regime hídrico dos rios uma vez que tratando-

se da parte terminal dos rios, as quedas pluviométricas não têm expressão de realce sobre os caudais.

O fenómeno da intrusão salina é prevalecte nos períodos de estiagem e correspondem com as às fases de marés vivas. Sendo uma zona de baixa topografia e, fundamentalmente plana, o lençol freático encontra-se próximo da superfície o que determina a ocorrência de formações lacustres ao longo da globalidade da faixa costeira.

### **3.1.3.3 Organização e Estruturação Social**

Segundo Análise Situacional do Distrito de Matutuine, feita pela FDC (2006 ), o distrito de Matutuine encontrou o poder predominante do Estado e o Tradicional (régulos, chefes de terra e indunas). O último ficou enfraquecido depois da Independência Nacional, agravado pelo conflito e, estando actualmente, em recuperação.

Os Grupos Dinamizadores continuam a ser representantes do Estado junto das comunidades. Existem também os Chefes Tradicionais que dirigem as cerimónias tradicionais.

A família é a base da organização social. Os homens é que são os responsáveis pelos agregados familiares. Aparecem no distrito, nos últimos tempos, famílias chefiadas pelas mulheres.

O casamento tem duas formas: a tradicional (Muthimba) e o Civil. O primeiro é antecedido do pagamento do Lobolo que é simbólico e consiste na entrega de bens e/ou dinheiro aos pais da mulher.

### 3.1.3.4 Agricultura

O PEDM (2009 - 2013), revela ainda que o distrito tem uma área física de 5,403 km<sup>2</sup> que correspondem a 540,300 hectares, dos quais cerca de 32,700 há (6%) são de terra arável, sendo 16,705 ha correspondentes a áreas irrigáveis e 15,995 a agricultura de sequeiro.

Cerca de 80% da população do Distrito dedica-se à actividade agrícola, sendo a agricultura de sequeiro a que ocupa a maior parte, praticando-se um pouco por todo distrito.

Observando o mapa de aptidão agro - ecológica do distrito, pode-se verificar - se facilmente que as áreas onde se pratica a agricultura de sequeiro, pelo sector familiar, correspondem às manchas de solos pobres e com pouca capacidade de retenção de água, o que condiciona os baixos níveis de produção e produtividade agrícola. Esta situação faz com que a maioria da população consiga apenas sobreviver entre 3 a 8 meses com os produtos obtidos da agricultura, sendo, por isso, necessário recorrer a outras estratégias de sobrevivência como o consumo de frutas e plantas silvestres, “ganho – ganho” em troca de dinheiro ou alimentos de donativos nos períodos de severidade. A venda de lenha e carvão, de bebidas alcoólicas tradicionais e a venda de carne de caça constituem outras formas de estratégias de sobrevivência da maioria da população do Distrito.

A situação de carências alimentares tem sido notória mesmo ao nível de cereais, como milho e arroz, que constituem a base alimentar de muitas famílias. Segundo dados avançados pela Administração Distrital, em 2007 a cifra de produção de cereais fixou-se em 3949 toneladas contra 4051 que seriam necessários.



### 3.1.3.5 Associativismo na produção agrícola do distrito

Apesar dos inúmeros problemas com que se tem debatido no distrito, o associativismo em Matutuíne está a ganhar ímpeto. Existem, actualmente, 12 associações agrícolas locais que trabalham numa área total de cerca de 1.094ha. Cada uma das associações da Fábrica de Cal, Tinonganine, Brasília, Manhangane, Chucha e de Salamanga possui uma moto-bomba e a de Macassane possui, para além de duas moto-bombas, duas maquinas de agro - processamento de arroz (Sandramo, 2014)<sup>5</sup>

## 3.2 Método da Pesquisa

A natureza da pesquisa foi fundamentalmente de carácter misto ( método de pesquisa qualitativo e quantitativo).

Para obtenção de informações, a pesquisa baseou-se em questões semi - estruturadas orientadas para informantes chave, especificamente extensionistas e agricultores.

Segundo Fidel ( 1992), refere que o estudo de caso, é um método qualitativo específico de pesquisa empírica do campo. Alguns pesquisadores referem-se à pesquisa qualitativa como sendo aquela que evita trabalhar com números, buscando as interpretações sociais; e a pesquisa quantitativa como sendo aquela que trabalha com números, fazendo - se o uso de modelos estatísticos para explicar os dados.

---

<sup>5</sup> Questionário ao Sandramo, R. O. Supervisor dos extensionistas

Entretanto, segundo Bauer, Gaskell e Allum (2002), as diferenças entre pesquisa qualitativa e quantitativa ultrapassa a simples escolha de estratégias de pesquisa e procedimentos de colecta de dados; na verdade, ambas representam posições epistemológicas aparentemente antagônicas, mas as duas são complementares.

Para Miles & Huberman (1994) a utilização da pesquisa qualitativa, além de oferecer descrições ricas sobre uma realidade específica, ajuda o pesquisador a superar concepções iniciais e a gerar ou rever as estruturas teóricas adoptadas anteriormente, oferecendo base para descrições e explicações muito ricas de contextos específicos.

Para Richardson (1993), a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto na colecta de dados quanto no seu tratamento, através de técnicas estatísticas. O mesmo autor caracteriza a pesquisa qualitativa como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentados pelos inqueridos.

### **3.3 Instrumentos de Pesquisa**

O questionário foi o instrumento utilizado para a colecta de dados. Gil (1991) afirma que o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato.

De forma a garantir a exactidão do questionário, foi implementado o seu pré-teste perante um universo de 11 extensionistas. A metodologia seguida neste pré-teste foi a seguinte:

Preenchimento e análise do questionário por 5 extensionistas, com o objectivo de

verificar o nível de adequação das perguntas, dificuldades de resposta e possível categorização das questões de resposta aberta acompanhado pela medição do tempo de resposta que em media foi de 30 minutos.

Após o preenchimento e análise do questionário pelos 5 extensionistas, os mesmos tiveram uma opinião favorável pois não houve questões ambíguas ou de difícil compreensão.

Assim, concluiu-se que o questionário se achava adequado e que poderia servir de instrumento de colecta dos dados.

### **3.4 População e Amostra da Pesquisa**

Segundo Gil (2000) se a amostra for rigorosamente seleccionada, os resultados obtidos tendem bastante a aproximar-se daqueles que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo.

No presente estudo, não houve necessidade de recorrer a amostragem porque a população era pequena e constituída por todos extensionistas do distrito de Matutuine num total de onze (11).

### 3.5 Procedimentos de Colecta de Dados

A estratégia de colecta de dados adoptada foi a aplicação presencial dos questionários, que consistiu no preenchimento do mesmo pelo autor do trabalho na presença dos inqueridos.

Este questionário, apresentava para além de questões fechadas, também questões semi - estruturadas.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1992), as questões semi - estruturadas, apesar do guião elaborado pelo pesquisador, permitem que o inquerido tenha alguma liberdade para desenvolver as respostas segundo a direcção que considere adequada, explorando de uma forma flexível e aprofundada, os aspectos julgados mais relevantes.

Esta questão é corroborada por Pijneburge e Cavane (2000) quando sustentam que esta técnica permite uma maior flexibilidade para o esclarecimento das perguntas, sondar respostas ou adaptar as questões às pessoas e, também, por ser este o método eficiente para obter dados de uma forma mais profunda.

Segundo Marconi e Lakatos (2006), as questões semi-estruturadas permitem um maior aprofundamento das questões levantadas na medida em que dão maior liberdade aos inqueridos de se desenvolverem em cada situação específica.

Para QUARESMA (2005), o método de questões semi-estruturadas permite que o pesquisador combine perguntas fechadas e abertas. Portanto, o pesquisador segue um conjunto de perguntas - guias definidas, mas ele o faz num contexto de uma conversa.

O grupo - alvo foi constituído por onze extensionistas dos Serviços Distritais de Actividades Económicas (SDAE) de ambos sexos, sendo três do sexo feminino e oito do sexo masculino.

As idades deste grupo - alvo variam entre os 18 aos 40 anos. Como forma de conferir a veracidade dos depoimentos dos extensionistas em análise, inquerimos 35 produtores pertencentes às associações, bem como aos agregados familiares<sup>6</sup>. Importa referir também que recorreremos ao uso da observação directa, além do guião previamente elaborado em português e ajustado em língua local.

### **3.6 Análise de Dados**

Antes de iniciar a análise dos dados propriamente dita, foi realizada a preparação dos dados, que inclui a edição, codificação e tratamento dos mesmos. Esta preparação permitiu detectar erros e omissões que poderiam comprometer a qualidade da análise.

Como a pesquisa possui um carácter misto, ou seja, levanta dados qualitativos e quantitativos, a análise dos dados também levou em consideração este factor. A análise dos dados qualitativos permitiu verificar as relações existentes entre os factores previstos no questionário, e os levantados através da categorização das respostas das perguntas abertas e fechadas e a utilização da tecnologia da informação. Importa referir que a análise de dados foi feito com o auxílio do software SPSS (*statistical package for the social science*) na sua versão 13.0 bem como Microsoft Excel.

---

<sup>6</sup> Produtores particulares ou individuais/ camponeses

### 3.7 Limitações do trabalho

Em busca de obtenção de dados credíveis aquando da realização de uma pesquisa científica, o pesquisador deve ter em consideração as possíveis dificuldades a serem enfrentadas ao desenvolver a pesquisa (Portela, 2004).

Assim, ao longo deste estudo houve alguns constrangimentos como a falta de literatura bem como falta de colaboração CFBN dos camponeses para o preenchimento dos questionários por falta de tempo.

Apesar dos constrangimentos acima mencionados, foi possível realizar a pesquisa com sucesso recorrendo ao material bibliográfico existente e persistindo nos questionários aos camponeses.

## CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

### 4.1 Apresentação dos resultados da pesquisa

#### 4.1.1 Caracterização do perfil dos extensionistas

Tabela 1 - Sexo dos extensionistas

Categoria	Subcategoria	Frequência	Porcentagem
Sexo	Feminino	3	27%
	Masculino	8	73%

O sexo masculino predomina nos Serviços de Extensão, conforme a tabela acima apresentada. Da tabela acima mencionada, verifica-se que 8 extensionistas são do sexo masculino, o correspondente a 73% dos inqueridos e 3 são do sexo do feminino o correspondente a 27%, mostrando – se, assim, a predominância do sexo masculino nas actividades de extensão.

Tabela 2- Idade dos Extensionistas

Categoria	Subcategoria	Frequência	Porcentagem (%)
Idade	18 – 34	6	55%
	35- 40	5	45%

A idade dos extensionistas, apresentada na tabela 2, dá conta que seis (6) extensionistas, equivalentes a 55% estão na faixa etária compreendida entre 18 aos 34 anos de idade enquanto 5, correspondentes a 45% pertence a escala de 35 aos 40 anos de Idade. Disto, pode afirmar-se que os extensionistas de Matutuíne são, maioritariamente, jovens.

Tabela 3 - Estado civil dos Extensionistas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem%</b>
<b>Estado civil</b>	Solteiro	3	27%
	União de facto	7	64%
	Casado	1	9%

O maior número de extensionistas, isto é, sete (7), o equivalente a 64% vive em união de facto, sendo que três (3) deles o equivalente a 27%, são solteiros e apenas um (1), correspondente a 9% é que é casado,

Tabela 4- Experiência de trabalho dos Extensionistas (Anos)

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Tempo de actuação extensão rural</b>	-1	1	9%
	1 a 5	7	64%
	10 a 15	2	18%
	15 +	1	9%

Os dados da tabela 4 acima indicam que, relativamente ao tempo de trabalho na área de extensão, sete (7) extensionistas, o equivalente a 64% têm uma experiência de trabalho compreendida entre um (1) à cinco (5) anos. Dois deles, o equivalente a 18% possuem mais de dez anos de serviço; um extensionista tem mais de quinze anos de serviço e também um extensionista tem menos de um ano de serviço.



Tabela 5 - Área de actuação

Categoria	Subcategoria	Frequência	Percentagem
Área de actuação	Bela vista	4	36%
	Salamanga	1	9%
	Catembe	3	27%
	Catuane	2	18%
	Zitundo	1	9%

A tabela 5 apresenta a distribuição dos extensionistas por área de actuação. E como pode se verificar, Quatro extensionistas, o equivalente a 36% dos extensionistas têm como área geográfica de actuação a do Posto Administrativo de Bela vista, três, o equivalente a 27% Catembe, dois (2) o equivalente a 18% Catuane, Zitundo e Salamanga também um (1), o equivalente a 9%.

Tabela 6 - Residência fixa dos Extensionistas

Categoria	Subcategoria	Frequência	Percentagem
Residência	Na localidade de trabalho	1	9%
Fixa	Fora do distrito de Matutuine	10	91%

Relativamente a residência dos extensionistas, a tabela 6 revela que apesar de todos os extensionistas trabalharem em Matutuine, apenas um deles, correspondente a 9% é que tem a residência fixa em Matutuine sendo que os outros dez (10), equivalentes a 91% têm suas residências fixas fora do distrito de Matutuine.

Perfil e papel do extensionista — O caso de estudo do Distrito de Matutuíne

Tabela 7 - Agregado familiar dos Extensionistas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem</b>
<b>Agregado Familiar</b>	1	2	18%
	2	2	18%
	3	0	0%
	4	5	45%
	5	2	18%

O agregado familiar da maior parte dos extensionistas que compuseram o universo de estudo, isto é, (5) cinco extensionistas, o correspondente a 45%, é composto por quatro (4) membros. Todavia, há também agregados compostos por um (1), dois (2) e (5) cinco membros, cada um deles correspondentes a 18%.

Tabela 8- Formação académica dos Extensionistas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentagem(%)</b>
<b>Formação</b>	Médio	10	91%
	Básico;	1	9%
	Superior	0	0%

A análise da formação dos extensionistas de Matutuíne, traduzida a partir da Tabela 8 indica que a maior parte deles, isto é, dez (10), o equivalente a 91% têm formação de nível médio. Apenas um (1), o equivalente a 9% é que tem formação básica. Conforme se pode depreender o Distrito de Matutuíne não possui nenhum extensionista do nível superior.

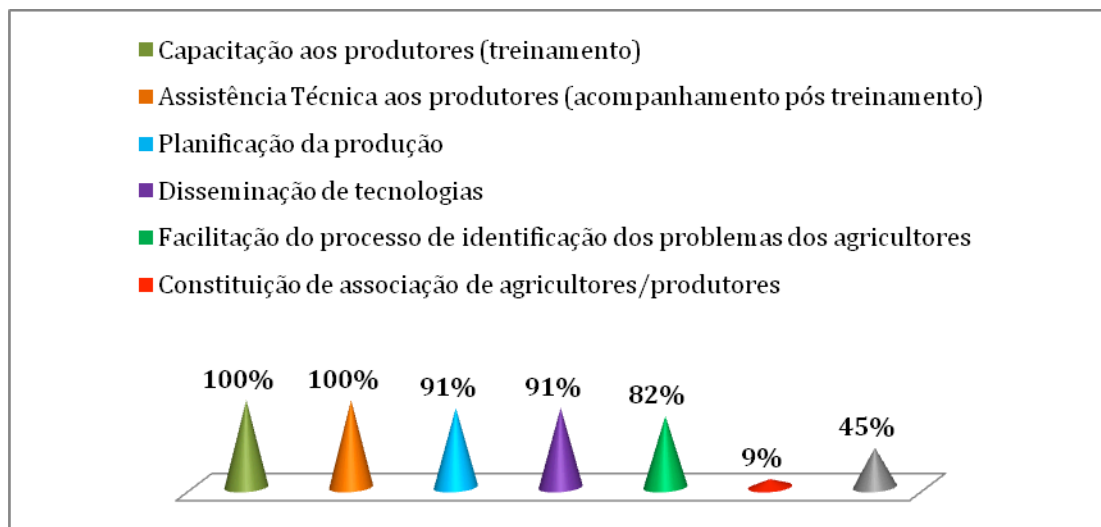
Tabela 9 - Área de trabalho dos extensionistas.

Categoria	Sub - Categoria	Frequência	Percentagem (%)
Área de e Trabalho	Pecuária	6	55%
	Agrícola	8	73%
	Pesca	4	36%
	Florestas	2	18%

Quanto as áreas de actuação dos extensionistas, a tabela 9 revela que a área agrícola é a que detêm maior percentagem de extensionistas, oito (8), o equivalente a 73%, seguida de pecuária, com seis (6), o equivalente a 55% pesca com quatro (4), o equivalente a 38% e finalmente florestas com dois (2), o equivalente a 18%.

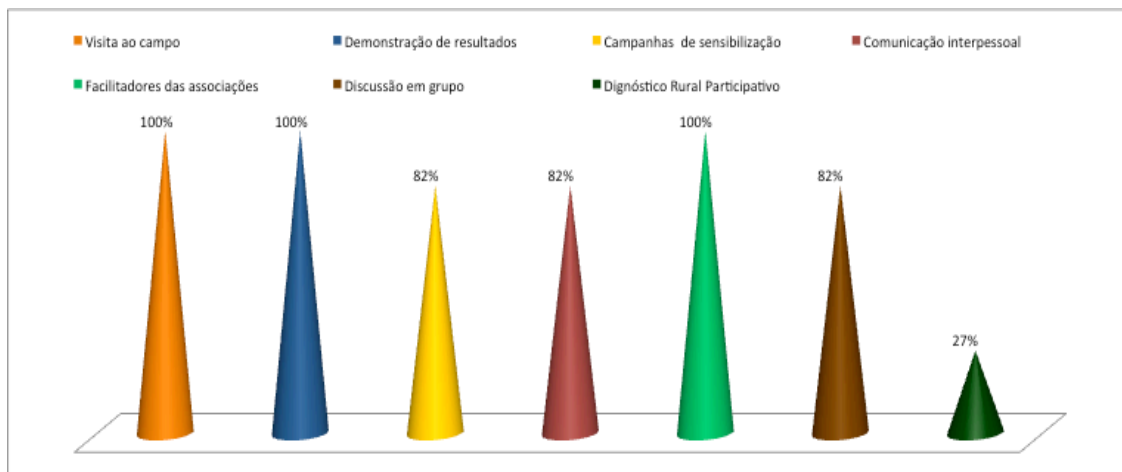
#### 4.2 Papel do extensionista

Gráfico 1 - Distribuição das actividades de extensão realizadas pelos extensionistas



O Gráfico 1 ilustra as actividades de extensão realizadas no campo pelos extensionistas. Nele, conforme podemos verificar, a capacitação e assistência técnica aos produtores são as duas principais actividades de campo realizadas por todos os extensionistas (100%). A planificação da produção bem como a disseminação de tecnologias são duas outras actividades realizadas por dez (10), o equivalente a 91% de extensionistas, seguida da facilitação de identificação dos problemas dos agricultores com nove (9) extensionistas o equivalente a 82% de e da inclusão de produtores em diversas actividades e programas de extensão com cinco (5), o equivalente a 45% de extensionistas realizando estas actividades<sup>7</sup>.

**Gráfico 2- Meios e métodos usados nas actividades dos extensionistas**

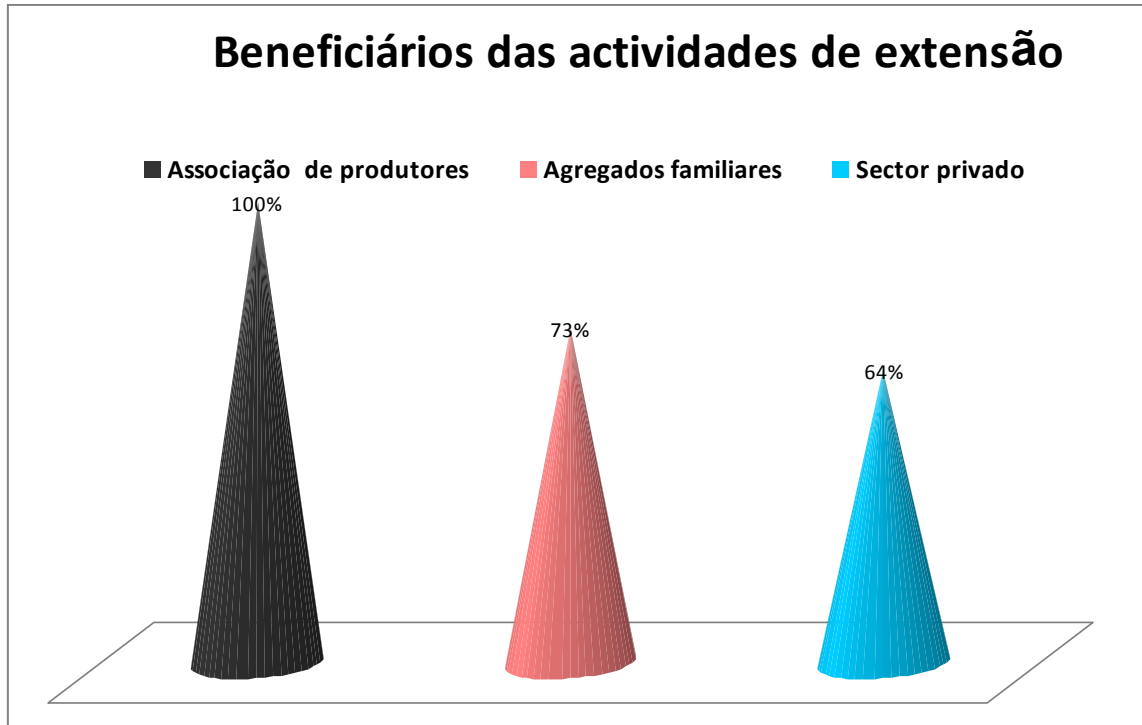


---

<sup>7</sup> Consiste no envolvimento dos agricultores em todas as fases dos trabalhos de extensão que o extensionista realiza no campo.

Este trabalho de pesquisa identificou a existência de diferentes meios e métodos de trabalho usados pelos extensionistas. Todos os extensionistas, (100%) afirmaram que as visitas de campo, demonstrações no terreno e o “uso” dos facilitadores das associações são os meios e métodos que usam nas suas actividades de extensão no campo. Para além destes, outros como comunicação interpessoal, campanhas de sensibilização e discussão em grupo, são usados por 82%. Por fim, três (3) extensionistas, o equivalente a 27% afirmaram que usam também Diagnostico Rápido Participativo (DRP) nas suas actividades de extensão.

Gráfico 3 - Beneficiários das actividades de extensão



No gráfico 3, estão apresentadas as respostas dos extensionistas relativamente a àqueles que são os beneficiários da actividade de extensão. Importa realçar que todos os extensionistas neste caso 11 o que corresponde a 100%, dão assistência técnica à todos tipos de produtores nomeadamente;

Associação de Produtores, Sector Familiar bem como ao Sector Privados. Desses onze oito extensionistas o que corresponde a 73% assistem também agregado familiar (sector familiar) e sete o equivalente a 64% ao sector privado.

#### 4.3 Relação entre o perfil e o papel do extensionista

Para avaliar a relação entre o perfil e o papel do extensionista foi realizado um teste de Qui quadrado a 5%, que envolveu as variáveis que melhor caracterizam o perfil, no relacionamento com o papel do extensionista (Formação, experiência e género).

Segundo TAYLOR (1997), Chi - quadrado ou Qui quadrado é uma das distribuições mais utilizadas em estatística inferencial. Este teste serve para avaliar quantitativamente a relação entre o resultado de um experimento e a distribuição esperada para o fenómeno. Isto é, ele nos diz com quanta certeza os valores observados podem ser aceites como regidos pela teoria em questão.

##### 4.3.1 Género versus papel do extensionista

Para a verificação da relação entre o género e o papel do extensionista, recorreu-se as tabelas do teste de qui quadrado, onde:

*Count* = Valores observados

*Expected count* = Valores esperados

*Crossstabulation* = Crusamento

*Chi square tests* = Teste de qui quadrado

*N of cases* = Número de casos

*2 sided* = bilateral

*d.f* = g.l

No que concerne ao género versus papel do extensionista foi realizado o teste de qui quadrado para avaliar a relação entre o género e o perfil, havendo evidência de que não existe relação entre género e papel do extensionista.

Concluimos que não há relação entre género e papel do extensionista, pois, não existe uma função específica para homens e nem para mulheres. Todos desempenham as mesmas funções. Vejamos:

Hipóteses

Ho: Não existe Relação entre género e papel do extensionista.

Ha: Existe relação entre género e papel do extensionista

Perfil e papel do extensionista — O caso de estudo do Distrito de Matutuine

PAPEL \* Género Crosstabulation

			Género		Total
			Masculino	Femenino	
PAPEL	Capacitação aos produtores	Count	8	3	11
		Expected Count	8,3	2,8	11,0
		% of Total	14,3%	5,4%	19,6%
	Assistência técnica aos produtores	Count	8	3	11
		Expected Count	8,3	2,8	11,0
		% of Total	14,3%	5,4%	19,6%
	Planificação da produção	Count	9	1	10
		Expected Count	7,5	2,5	10,0
		% of Total	16,1%	1,8%	17,9%
	Disseminação de tecnologias	Count	8	2	10
		Expected Count	7,5	2,5	10,0
		% of Total	14,3%	3,6%	17,9%
	Facilitação de Identificação de Problemas	Count	5	3	8
		Expected Count	6,0	2,0	8,0
		% of Total	8,9%	5,4%	14,3%
	Constituição de associações	Count	1	0	1
		Expected Count	,8	,3	1,0
		% of Total	1,8%	,0%	1,8%
	Inclusão de produtores	Count	3	2	5
		Expected Count	3,8	1,3	5,0
		% of Total	5,4%	3,6%	8,9%
Total		Count	42	14	56
		Expected Count	42,0	14,0	56,0
		% of Total	75,0%	25,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,994 <sup>a</sup>	6	,810
Likelihood Ratio	3,375	6	,761
Linear-by-Linear Association	,260	1	,610
N of Valid Cases	56		

a.



Com um nível de significância de 5%, não rejeitar  $H_0$  porque o valor de significância é igual = 0.810 é maior que 0.05.

#### **4.3.2 Experiência versus papel do extensionista**

Com um nível de significância de 5%, não rejeitar  $H_0$  porque o valor de significância. =0.636 é maior que 0.05.

Há evidência de que não existe relação entre experiência e papel do extensionista. Isto prova que com a experiência média de cinco anos, que os extensionistas possuem é suficiente para fazer face as actividades do seu dia-a-dia.

#### **Hipóteses**

$H_0$  : Não existe uma relação entre experiência e papel do extensionista.

$H_a$ : Existe relação entre experiência e papel do extensionista.

**Perfil e papel do extensionista — O caso de estudo do Distrito de Matutuine**

**PAPEL \* Experiência Crosstabulation**

			Experiência				Total
			-1	1-5	10-15	15+	
PAPEL	Capacitação aos produtores	Count	1	7	2	1	11
		Expected Count	1,2	6,3	2,4	1,2	11,0
		% of Total	1,8%	12,5%	3,6%	1,8%	19,6%
	Assistência técnica aos produtores	Count	1	7	2	1	11
		Expected Count	1,2	6,3	2,4	1,2	11,0
		% of Total	1,8%	12,5%	3,6%	1,8%	19,6%
	Planificação da produção	Count	1	6	2	1	10
		Expected Count	1,1	5,7	2,1	1,1	10,0
		% of Total	1,8%	10,7%	3,6%	1,8%	17,9%
	Disseminação de tecnologias	Count	1	6	2	1	10
		Expected Count	1,1	5,7	2,1	1,1	10,0
		% of Total	1,8%	10,7%	3,6%	1,8%	17,9%
	Facilitação de Identificação de Problemas	Count	1	4	2	1	8
		Expected Count	,9	4,6	1,7	,9	8,0
		% of Total	1,8%	7,1%	3,6%	1,8%	14,3%
	Constituição de associações	Count	0	0	1	0	1
		Expected Count	,1	,6	,2	,1	1,0
		% of Total	,0%	,0%	1,8%	,0%	1,8%
	Inclusão de produtores	Count	1	2	1	1	5
		Expected Count	,5	2,9	1,1	,5	5,0
		% of Total	1,8%	3,6%	1,8%	1,8%	8,9%
Total	Count	6	32	12	6	56	
	Expected Count	6,0	32,0	12,0	6,0	56,0	
	% of Total	10,7%	57,1%	21,4%	10,7%	100,0%	

**Chi-Square Tests**

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	15.375 <sup>a</sup>	18	.636
Likelihood Ratio	16.323	18	.570
Linear-by-Linear Association	.002	1	.967
N of Valid Cases	9		

a.

### 4.3.3 Formação versus papel do extensionista

Em relação as variáveis formação e papel podemos aferir que não há diferença entre si, pois na generalidade dos extensionistas de Matutuine independentemente do seu nível académico, estes realizam o mesmo tipo de trabalho apoiando grupos com mesmas características, têm alcançado os mesmos resultados.

Hipóteses

Ho : Não existe relação entre formação e papel do extensionista.

Ha: Existe relação entre formação e papel do extensionista.

PAPEL \* Formação Crosstabulation

			Formação		Total
			Básico	Médio	
PAPEL	Capacitação aos produtores	Count	1	10	11
		Expected Count	1,2	9,8	11,0
		% of Total	1,8%	17,9%	19,6%
	Assistência técnica aos produtores	Count	1	10	11
		Expected Count	1,2	9,8	11,0
		% of Total	1,8%	17,9%	19,6%
	Planificação da produção	Count	1	9	10
		Expected Count	1,1	8,9	10,0
		% of Total	1,8%	16,1%	17,9%
	Disseminação de tecnologias	Count	1	9	10
		Expected Count	1,1	8,9	10,0
		% of Total	1,8%	16,1%	17,9%
	Facilitação de Identificação de Problemas	Count	1	7	8
		Expected Count	,9	7,1	8,0
		% of Total	1,8%	12,5%	14,3%
	Constituição de associações	Count	0	1	1
		Expected Count	,1	,9	1,0
		% of Total	,0%	1,8%	1,8%
	Inclusão de produtores	Count	1	4	5
		Expected Count	,5	4,5	5,0
		% of Total	1,8%	7,1%	8,9%
Total		Count	6	50	56
		Expected Count	6,0	50,0	56,0
		% of Total	10,7%	89,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3.938 <sup>a</sup>	6	.685
Likelihood Ratio	3.506	6	.743
Linear-by-Linear Association	1.407	1	.236
N of Valid Cases	9		

a.

Com um nível de significância de 5%, não rejeitar  $H_0$  porque o valor de significância = 0.685 é maior que 0.05. Há evidência de que não existe relação entre formação e papel do extensionista.

#### 4.3.4 Interpretação dos resultados face às hipóteses

De acordo com os testes realizados pode-se afirmar que no presente estudo, não existe relação entre o perfil e o papel do extensionista isto é, o perfil que os extensionistas apresentam é suficiente para fazer face as actividades com sucesso.

#### 4.4 Análise e discussão de resultados

##### 4.4.1 Categoria A -Dados pessoais e familiares dos inqueridos

No cômputo geral, foram inqueridos 11 extensionistas, o que corresponde a 100% da amostra. Relativamente à categoria A (dados pessoais e familiares) importa referir que do universo total de extensionistas, oito (8) são do sexo masculino, o correspondente a 73% sendo que, três (3) correspondentes a 27% são do sexo feminino.

Cerca de 80% da população de alguns países africanos depende da agricultura de subsistência. Em particular 84% das mulheres activas estão engajadas no sector agrário (FAO, 2004).

De acordo com FAO (1993) citado por Come (2013) muitos extensionistas do género masculino enfrentam dificuldades para direccionar os seus serviços para as mulheres talvez por não entenderem a situação desta classe de produtores. Por outro lado, evidências de estudos feitos por Truitt (1999) em El Salvador e nas Honduras mostram que as mulheres agricultoras preferem extensionistas do género feminino porque os seus esposos têm manifestado ciúmes quando elas discutem assuntos de agricultura e mantêm contactos frequentes com os extensionistas do género masculino.

Segundo Massuanganhe (2010) do universo composto por 5.259 produtores de Matutuíne, do sector familiar, 4.619 são mulheres e os restantes 640 são homens. No concernente a dados sócio - demográficos 50% dos inqueridos situa - se no grupo etário de 35 a 55 anos de idade. Quanto ao género, 61,2% são do sexo feminino e os restantes, são homens.

Estes resultados corroboram com os resultados do Censo Agro-Pecuário CAP (2009) que referem que a maior parte dos produtores em Moçambique são mulheres e de idade superior a 35 anos de idade.

A tendência dos dados do CAP (2009) coincidem com os observados no distrito de Matutuíne, a medida em que cerca de 87,4 % de produtores são do sexo feminino e 15.6% são do sexo masculino. Do ponto de vista prático, estes dados revelam que a natureza do trabalho do campo esta ainda, em grande parte nas mãos das mulheres. Sendo assim, a distribuição dos extensionistas deveria tomar em conta este facto particular.

Provavelmente se a actual percentagem dos extensionistas fosse inversa, isto é, em que a maioria fosse composta por mulheres o rácio seria razoável e a participação dos produtores nas actividades talvez poderia ser mais efectiva.

Quanto à idade, pode observar-se que seis (6) extensionistas, o equivalente a 55% estão na faixa etária compreendida entre os 18 e 34 anos de idade enquanto cinco (5), o correspondente a 45% pertence a escala de 35 a 40 anos de idade. Daqui se pode deprender que os extensionistas de Matutuíne são, maioritariamente, jovens. Esta situação não se afigura como razoável porque a maioria dos produtores em Matutuíne tem idade superior a 35 anos. Segundo Sales (s/data) resultados empíricos presentes em estudos que abordam a adopção de tecnologias no meio rural consideram que os agricultores mais idosos são menos receptivos às mudanças, visto que os valores culturais internalizados e o conformismo próprio da idade condicionam as pessoas mais idosas a serem mais resistentes às mudanças técnicas.

A variável idade é chamada aqui para ajudar-nos a entender a forma como os adultos aprendem, a andragogia, segundo Hamze (2008) é um caminho educacional que busca compreender o adulto, podendo ser uma teoria, mas também um método de ensino, que se reflecte um somatório de troca de conhecimento entre o facilitador do conhecimentos e o estudante adulto bem como as suas experiências de vida.

Neste contexto, podemos considerar o extensionista de um facilitador e o produtor como o estudante adulto. Ora, no modelo de aprendizagem andragógico, a aprendizagem segundo Freire (1980) é de responsabilidade compartilhada entre o professor e aluno. A andragogia fundamenta-se no aprender fazendo.

O desafio para os extensionistas de Matutuíne é a sua idade em relação aos produtores, como frisamos, pois segundo os questionarios constatou-se que a maioria dos produtores beneficiários

é adultos com idade média ou acima de 35 anos. Esta realidade, exige que os extensionistas tenham uma experiência elevada de conhecimentos metodológicos de forma a:

Despertar ao adulto produtor a consciência da necessidade de instruir-se e a noção clara da sua participação na sociedade;

Partir dos elementos que compõem a realidade do educando, que se destacam como expressão da sua realidade directa e continua com o mundo em que vive;

Não impor métodos ao educando mas, sim, criar com ele, com base na realidade em que vive. O professor /instrutor (extensionista) deve actuar como incentivador da busca da realidade em que vive;

Propor o conteúdo da instrução, o que deve ser justificado como uma contribuição para melhorar as condições de vida do produtor.

No que concerne ao estado civil do total dos extensionistas, três (3) são solteiros, o que corresponde a 27% e sete (7) vivem em união de facto, o que corresponde a 64%, finalmente, apenas um (1) é casado o que correspondente a 9%.

Quanto à residência importa referir que dez (10) dos onze (11) extensionistas residem na cidade de Maputo, o que corresponde a 91% e, apenas um (1) apenas é que tem a sua residência fixa na Catembe e não em Matutuíne, ou seja, nenhum dos onze (11) extensionistas tem residência em Matutuíne.

Relativamente ao agregado familiar, verificou-se que dois (2) extensionistas possuem um membro, o que equivale a 18%; dois (2) possuem dois membros, o equivalente a 18%; cinco (5)

deles têm quatro membros, o equivalente a 45% e finalmente, dois (2) possuem cinco membros, o equivalente a 18%.

Da análise feita sobre as variáveis estado civil, local de residência e agregado familiar podemos observar o seguinte:

Do total dos extensionistas 27% são solteiros e 64% vivem maritalmente (união de facto). Ademais, a maioria dos extensionistas, 91%, residem na cidade de Maputo e trabalham em Matutuíne, sendo que apenas 1 (9%) extensionista reside em Matutuíne sua área de trabalho.

Importa salientar que da observação feita, depreendemos que o facto de serem “casados” e residirem fora do distrito, interfere negativamente no desempenho e na efectividade do extensionista, considerando que estes têm feito viagens constantes de Matutuíne para a cidade de Maputo. Dos questionários feitos aos camponeses informaram - nos que os extensionistas trabalham dois dias por semana, Terça e Quarta-feira. Deslocam-se de Matutuíne para Maputo às Quintas-Feiras e só regressam no meio da manhã da segunda-feira.

Os extensionistas no geral tem as suas famílias em Maputo, em virtude de Matutuíne não possuir condições para educação dos seus filhos, devido a limitação das infra-estruturas existentes. Matutuíne é considerado um dos distritos com fraca cobertura de infra-estrutura sócio - económica da província de Maputo (MAE, 2005).

A despeito da produção em Matutuíne ter melhorado de forma significativa com a intervenção do extensionista nos campos agrários, os produtores corroboram com a constatação de que os extensionistas de Matutuíne passam mais tempo fora da sua área de trabalho. Consequentemente, dispõem de pouco tempo com os grupos de produtores, o que pode contribuir para a fraca produção e baixa produtividade da região.



#### 4.4.2 Categoria B - Dados profissionais

Quanto à formação, os dados indicam que a maior parte deles (10), isto é, 91% tem formação de nível médio. Apenas um (1) extensionista possui formação básica ocupando a menor percentagem, isto é, 9%. Destes dados, nota-se que em Matutuíne não existe nenhum extensionista de nível superior. Esta questão é corroborada pelo Gemo et al., (2005) quando afirma que, o nível escolar dos extensionistas em Moçambique é baixo. De modo a melhorar o seu desempenho torna-se urgente que o SDAE os sensibilize a continuarem com os estudos ou que se criem mecanismos de os por a participar em cursos de capacitação de curto ou médio prazo sobre extensão rural.

#### 4.4.3 Categoria C - Experiência de trabalho

Sobre esta matéria os dados revelam que, sete (7) extensionistas o equivalente a 64% possui uma experiência de trabalho compreendida entre um (1) a cinco (5) anos; dois (2) deles, correspondendo a 18% tem dez (10) a quinze (15) anos; e um (1) correspondendo a 9%, tem mais de quinze (15) anos de trabalho como extensionista.

No que concerne a experiência profissional dos extensionistas de Matutuíne, pode se depreender que a maioria possui experiência profissional de um a cinco anos (64%) e os restantes dois (18%) com cerca de 15 anos de experiência. De acordo com média de anos de experiência aliada às habilidades académicas pode aferir-se que, há um défice qualitativo do nível académico dos extensionista, por forma a oferecerem uma assistência técnica de elevada qualidade.

Desta análise, podemos aferir que o pessoal técnico de extensão de Matutuíne, no geral não responde ao perfil almejado para um extensionista com sucesso, de modo que estes possam

investigar, inovar e propor aos produtores soluções práticas e exequíveis naquele contexto. Mas com um pouco de esforço estão em altura de poder fazer face as tarefas do seu dia -a- dia. Esta constatação pode justificar - se pelo facto da maioria dos extensionistas possuir o nível médio apesar de poucos anos de experiência (período igual ou inferior cinco anos na áreas de extensão rural).

De acordo com o profissional deve ser capaz de saber seleccionar as informações relevantes para cada actividade, processá-las com rapidez, ser generalista e saber comunicar – se , trabalhar em equipe, repassar conhecimento, empreender e inovar, ou seja, um profissional altamente especializado em questões de produção, com grande flexibilidade e capaz de reagir, de forma positiva em diferentes matérias. Esta limitante pode ser agravada pelas fracas condições de trabalho em que os profissionais de extensão estão expostos, nomeadamente a possibilidade de explorarem as tecnologias de informação e comunicação. (exemplo: acesso a internet, ou equipamento informático e fraca), Fraca alocação de recursos necessários para o trabalho).

No que concerne a área geográfica de trabalho, os extensionistas estão distribuídos da seguinte forma: Posto Administrativo de Belavista quatro (4) o que corresponde a 36%, três (3) o que corresponde a 27% Catembe, dois (2) o que corresponde a 8% Catuane, Zitundo e Salamanga tem cada uma destas regiões, um (1) extensionista que corresponde 9%.

#### **4.4.4 Categoria D - Actividades de extensão e meios usados**

Dados relativos às actividades de extensão realizadas pelos extensionistas indicam que a capacitação e assistência técnica aos produtores são as duas principais actividades de campo realizadas por todos os extensionistas (100%). A planificação da produção, bem como a disseminação de tecnologias são duas das outras actividades realizadas por dez (10) extensionistas, o correspondente a 91%, seguida da facilitação de identificação dos problemas

dos agricultores com nove (9), o que corresponde a 82% de extensionistas e da inclusão de produtores em diversas actividades de programas de extensão executadas por cinco (5) extensionistas o correspondente a 45%. Embora a constituição de associações de agricultores/produtores, seja uma das actividades de grande importância preconizado pelo Plano Estratégico do Distrito de Matutuíne (PEDM 2009-2013), não se destaca no rol das actividades dos extensionistas.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional das Associações de Produtores do distrito de Matutuíne (PDIAPDM 2012), o incentivo da constituição de associações de produtores enquadrado na política nacional do sector, constitui uma das grandes prioridades para SDAE.

É de realçar que apenas um (1), o correspondente a 9% dos extensionistas afirmou positivamente realizar esta actividade, Em função dos questionários, esta actividade é realizada apenas pelo Supervisor/extensionista.

Importa realçar, que para execução das suas actividades, onze (11) extensionistas o correspondente a 100%, afirmou que as visitas de campo, demonstrações de resultados e o “uso” dos facilitadores das associações são os meios e métodos que mais usam nas suas actividades de extensão no campo. Para além destes meios e métodos, outros como comunicação interpessoal, campanhas de sensibilização e discussão em grupo são usados por nove (9) extensionistas, o correspondente a 82%. Por fim, três (3) extensionistas, o correspondente a 27% afirmou que usa também o Diagnostico Rápido Participativo (DRP) nas suas actividades de extensão.

Em resposta ao questionário sobre actividades de extensão, 9 extensionistas os equivalentes a 82% foram unânimes em afirmar que privilegiam a discussão em grupo com o produtor através de visita e demonstração de resultados. A nossa observação prática no campo revela que essas

visitas são realizadas apenas duas vezes por semana devido a indisponibilidade dos extensionistas que frequentemente se deslocam à cidade de Maputo, local da sua residência. Outro factor pode estar relacionado com a exiguidade de meios de transporte e logística para atendimento da área de intervenção dos extensionistas.

Em relação à efectividade dos extensionistas no campo, a entidade distrital que superintende o trabalho destes, revelou que todos têm planos de trabalho, disponibilizando cinco (5) dias úteis para o trabalho com os produtores.

Supondo que seja verdade que o trabalho de um extensionista deve ser complementado com pesquisa investigativa e inovação de forma a trazer mais-valia, isto é, melhoria da qualidade de vida para os produtores, esta tese não é confirmada no campo de acção de Matutuíne uma vez que durante a semana o extensionista só dedica dois dias para a interacção com o agricultor.

#### **4.4.5 Categoria E - Beneficiários dos serviços de extensão**

Nesta categoria, estão apresentadas as respostas dos extensionistas relativamente a àqueles que são os beneficiários dos serviços de extensão. Para o efeito os extensionistas inqueridos todos afirmaram que prestam assistência muito mais às Associações de Produtores e aos agregados familiares. O sector privado é também um dos beneficiários que tem merecido a assistência dos extensionistas.

Apesar dos beneficiários terem uma apreciação positiva sobre o trabalho que a extensão rural exerce, os mesmos estão pouco sépticos pela qualidade de serviço prestado pelos extensionistas, uma vez que as associações gostariam de ter mais alternativas tais como possuir uma moto-bomba própria, para reduzir os custos de aluguer daquele equipamento, bem como insumos e factores agrícolas a baixos preços.

Alguns agregados familiares (AF) reclamam pela fraca assistência prestada pelos extensionistas, pois alguns dizem chegam a receber uma visita por ano. Para Come (2013), em Manhica o número de extensionistas é reduzido e os mesmos vão poucas vezes à associação.

As inquietações apresentadas pelos beneficiários também podem estar directamente relacionadas com a análise feita na categoria D, que indica uma fraca presença de extensionistas no campo. Segundo MINAG (2010), em 2008, apenas 8.3% de agricultores teve acesso aos serviços de extensão a nível do país.

Outro aspecto que pode estar relacionado com o trabalho Cunguara e Moder (2011), é o facto dos serviços de extensão em Moçambique enfrentarem muitos constrangimentos tais como o reduzido número de extensionistas, a falta de transporte e outros incentivos para os extensionistas. Logo, pressupõe-se que estes constrangimentos possam afectar a eficácia e eficiência do trabalho dos extensionistas.

## CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo sintetizam – se, grosso modo, os aspectos cruciais destes estudo.

### 5.1 Considerações finais

A nossa pesquisa tem como tema o papel e o perfil do extensionista Estudo de caso do Distrito de Matutuíne.

Conforme mencionou-se anteriormente, o distrito de Matutuíne caracteriza-se por uma população que na sua larga maioria dedica-se à actividade agrícola (cerca de 80% da população), sendo a agricultura de sequeiro a que ocupa a maior parte, praticando-se um pouco por todo distrito.

Neste contexto, o Governo Distrital à luz das políticas do Governo de Moçambique, em particular no segmento das directrizes do Ministério de Agricultura, prioriza e incentiva a produção agrícola dos agricultores em geral, e dos pequenos em particular.

Assim compete aos serviços de extensão prestar assistência técnica aos produtores de forma a incrementar a sua produção e produtividade através de introdução de práticas melhoradas e inovadoras. O grupo alvo de extensão é as associações de produtores, AF e sector privado.

Relativamente ao perfil do extensionista, pode-se afirmar que em termos de nível académico predomina a existência de técnicos de nível médio, sendo que não existe nenhum técnico superior. De modo a melhorar o seu desempenho, torna-se urgente que o SDAE os sensibilize a continuarem com os estudos ou que se criem mecanismos de os por a participar em cursos de

capacitação de curto ou médio prazo sobre extensão rural por forma a enriquecer os conhecimentos, bem como estarem mais actualizados.

Não obstante, os serviços de extensão terem iniciado em 1995 neste Distrito, Existe um défice de extensionistas, do sexo feminino. A despeito do terceiro objectivo de desenvolvimento do milénio, ser a promoção de igualdade de género e o empoderamento das mulheres, serem condições fundamentais para o desenvolvimento, Matutuine ainda está longe de atingir essa meta ou o desejado.

Apesar dos serviços de extensão abrangirem cinco regiões de Matutuine, grandes partes das actividades ocorrem em Bela Vista devido aos desafios que a acção de extensão rural enfrenta fora da vila, nomeadamente: (i) fraca alocação de recursos necessários para o trabalho; (ii) fraca capacidade de gestão do pessoal; (iii) exiguidade de meios de transportes e logísticos para atendimento da área de intervenção dos extensionistas; (iv) as fracas condições de habitação que incentivam os extensionistas a permanecerem no campo.

Os dados de campo revelam que os extensionistas trabalham em áreas multidisciplinares, nomeadamente agricultura pecuária, pesca e florestas. As suas principais actividades compreendem e não somente o treinamento dos produtores, a assistência técnica que consiste em acompanhamento mais personalizado pós treinamento, planificação da produção, disseminação de novas tecnologias, bem como constituição de associação de agricultores e/ou de produtores assim como inclusão de produtores em diversas actividades e programas de extensão.

A abordagem adoptada pelos extensionistas compreende as visitas de campo, demonstração práticas, incluindo acções de informação, educação e sensibilização comunitária sobre as boas práticas aplicáveis na extensão agrária, tendentes a incutir aos produtores a perspectiva de uma soberania alimentar.

Finalmente, de acordo com os pacotes estatísticos aplicados concretamente SPSS e Excell, chegou – se a conclusão que, não existe uma relação directa entre o perfil e o papel do extensionista. Os extensionistas de Matutuíne diferem - se em termos de níveis académicos, mas a formação básica de todos foi a agropecuária. Desta forma, conclui-se que em termos de descrição de tarefas todos tem as mesmas tarefas.

Um estudo aprofundado sobre a motivação de ser extensionista pode ser recomendável uma vez que existe um paradoxo entre o trabalho e o local de residência do extensionista. Paradoxo porque de acordo com o Manual do Extensionista, este deve residir na sua zona de influência no entanto o estudo mostra que quase todos eles vivem fora do Distrito de Matutuíne.

A percepção sobre as reais motivações do extensionista em abraçar esta área poderia ajudar a direcção Nacional de Extensão Agrária a redimensionar os Testes Psico – Técnicos e os cursos de Pré - Admissão dos Extensionistas.



## CAPITULO VI: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ADAMS, M.** *Agricultural Extension in Developing Countries*; England, Longman, Harlow, 1982.

**ALMEIDA, J.** *Extensão Rural: um manual de metodologia*, UFSM, Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior - Ministério da Educação, Brasília, 1989.

**AMILAI, C. M.** *A reinstalação dos agricultores e a intervenção das ONG's em Moçambique: O Caso de Estudo de Morrubala*. Tese de Mestrado em Técnicas e Instrumentos de Apoio ao Desenvolvimento Rural. Vila Real, Portugal, 2002.

**BAUER, M. GASKEL, G. & ALUM S.** *Pesquisa Qualitativa com textos imagem e som. Qualidade quantidade e interesse do conhecimento evitando confusões*. Editora vozes Lda, 2000.

**BONI, V; QUARESMA, S.** *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais* (2005). Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 , Janeiro-julho/Disponível em: [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br)

**BATALHA, M. O, et al.** *Recurso humano e Agro - negócio: A evolução do Perfil Profissional*. Jaboticabal, SP: Novos Talentos, 2005.

**BATALHA, M.O.; SOUZA FILHO, H.M.** *Analisando a competitividade de cadeias agroindustriais: uma proposição metodológica*. In: Batalha, M.O.; Souza Filho, H.M. (Org.). *Agronegócio no MERCOSUL: uma agenda para o desenvolvimento*. São Paulo: Atlas, 2009.

**BERGER, L. P. & LUCKMANN, T.** *A Construção Social da Realidade*. Lisboa, Dinalivro, 1978.

**CAPORAL, F. R. &, LADJANE, F. R.** *Da extensão rural convencional Extensão rural para desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia*, 2006.

**CAPORAL, F. R. & COSTABEBER, J. A.** *Agro - ecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável*. Brasília: MDA/SAF/DATER/-2007.

**COME, S. F.** *A Extensão Rural Pública: Percepções dos Produtores das Associações Agrícolas de Manhiça Sede*. Tese apresentada na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal da Universidade Eduardo Mondlane para a obtenção do grau de Mestre em Educação E Ciências Agrárias em Engenharia Agronómica, Maputo, 2013.

**CRISTOVÃO, A.** *A REDE, Para o Desenvolvimento Local. Dez Anos de Desenvolvimento Local*, Edição Especial, Portugal, 1998.

**CUNGUARA, B. & MODER, K.** *Agricultural Extension Helping the Poor? Evidence from Rural Mozambique*. *Journal of African Economies*, 2011.

**EMBRATER.** Sistema Embrater e o plano de metas. *Política de Extensão Rural e sua contribuição ao Plano de Metas do Sector Agrícola*, Brasília, 1984.

**EMBRAPA.** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária – SNPA*. Disponível em: [http://www.embrapa.br/a\\_embrapa/snpa](http://www.embrapa.br/a_embrapa/snpa) Acesso em: 18 de Outubro de 2008.

**ESTRELA.** *Dissertação apresentada em vários Programas, R.S, 1991.*

**FAO -** *Agrucultural extension and farm women in the 1980s.* Roma, 1993.

**FDC-** Fundação para o desenvolvimento da comunidade. *Análise Situacional do Distrito de Matutuíne,* Maputo, 2006.

**FIDEL, R.** The case study method: a case study. In : **GLAZIER, JACK D. & POWEL,** Ronald R. *Qualitative research in information management.* Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.

**FONSECA, M.A** *Extensão Rural no Brasil, um projecto educativo para o capital,* Edições Loyola, São Paulo, 1985.

**FONSECA, M.** *A Extensão Rural no Brasil, um projecto educativo para o capital,* Edições Loyola, São Paulo, 1985.

**FRANCISCO, A. LOPES, H. & MAGALHÃES, N.** O impacto da política agrária em Moçambique. ORAM, Moçambique, 2010.

**FREIRE, P.** *Extensão ou comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra,* 1983.

**FREIRE, P.** *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

**GEMO, H.** *An Assessment of Human Resource Development Program in Mozambique's Public Extension Service*. Dissertação apresentada na Universidade de Pretória para a obtenção de grau de Mestre em Extensão Agrária, 2004.

**GIL, A.** *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

**GIL, A. C.** *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas, São Paulo. Atlas, 1999.

**HAMZE, A.** *Andragogia e a arte de ensinar aos adultos 2008*. Acessado em : 20/05/2012.

Disponível em: <http://www.Educar.Brasilecola.Com/trabalho-docente-andragogia.htm>.

**INE.** *Instituto Nacional de Estatística*, Maputo, 2007.

**INE.** *Instituto Nacional de Estatística*, Maputo, 2010.

*Igualdade de género e empoderamento da mulher em Moçambique* Edição: UNFPA Moçambique, 2006.

**KARAM & FREITAS L. A. S.** *Pesquisa, extensão e aprendizagem participativa – PEAP: Subsídios teóricos - metodológicas*. Florianópolis, 2008.

**JOHNSTON, B.F. & CLARKK, W. C.** *Redesigning rural development*. Baltimore. Md. Johns Hopkins unit versit press, 1982.

**JONES, G.F.** *Progress in rural extension and community development*.vol. 1. Chichester, UK, 1989.

**JORGE, A. A.** *Impacto do fundo de investimento local na adopção de tecnologias agrárias: caso do distrito de Boane (2006-2011)*. Dissertação submetida a Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, no programa de pós-graduação do curso de Educação em Ciências Agrárias como requisita parcial para a obtenção do grau de mestre em extensão educativa, Maputo, 2013.

**LAIRD, D.H.** *Training methods for skills acquisition*. Washingt, 1972.

**LAKATOS, E. M, MACONI, M. A.** *Fundamentos de metodologia científica*.4ª edição. São Paulo. ATLAS, 1992.

**LEIE, U.** *Le développement rural, L 'expérience africaine* Éconómica, 1980,

**LOPES, B.F.** *Extensionista Rural semeia desenvolvimento e o Brasil colhe dignidade*, Brasil, 2011.

**MAE,** *Perfil do Distrito de Matutuíne província de Maputo*. República de Moçambique, 2005.

**MAFAVISSE I.M. & Clemente E.C.** Actuação das Politicas Públicas na Promoção do Desenvolvimento Rural em Moçambique. *Análise das políticas agrárias no Distrito de Malema*, 2012.

**MILES, M. B. & Hubeman, A. M** *Qualitativos data analalysis*, 2nd ed, Thousand OAKS, CA: sage, 1994.

**MINAG**, *Plano Estratégico Para o Desenvolvimento do Sector Agrário, 2010-2019, Maputo, 2010.*

**MUNIZ, R.** *Extensão Rural em Tempos de Mudanças, Informe Agropecuária*, Belo Horizonte, 1999.

**MUNHOZ, T.** *Desenvolvimento sustentável e educação ambiental*, 2004.**OLINGER, G.** *Ascensão e decadência da extensão rural no Brasil*. Epagri. Florianópolis, SC, 1996.

**NEPAD** - Comprehensive Africa Agriculture Development Programme - *New Partnership for Africa's Development*, 2002.

**OAKLEY, P. & GARFOTH.** *Guia de formação para a extensão*, Centro de Extensão e Desenvolvimento Rural, Universidade de Reading do Reino Unido, Roma, 1992.

**OLINGER, G.** **50** Anos de Extensão Rural: breve histórico do Serviço de Extensão Rural no Estado de Santa Catarina, de 1956 à 2006. Florianópolis: Epagri, 2006.

**PEDM-** Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito de Matutuíne, Maputo, 2009 – 20013.

**PÉLISSIER, R.**, *História de Moçambique*, Lisboa, Editorial Estamp, 1994.

**PUERTA, S. F.** *Extension agrária y desarrollo rural: sobre la evolucion de las teorías Y praxis extensionista/ Madrid: Ministério de agricultura, pesca y alimentacion*, 1996.

**PIJNEBURG, B. & CAVANE, E.** *Manual de Métodos e Investigação Sócio - económicas*. DPPV, FAEF, UEM, Moçambique 2000.

**PIJNEBURG, B. & C.AVANE, E.** *Manual de Métodos e Investigação Sócio - económicas.* DPPV, FAEF, UEM, Moçambique, 2000.

**QAMAR, M. K.** *Why not na interdisciplinary rural extension service?* Overseas 2005

**QUIVY. R. & CAMPENHOUDT, L.** *Manual de investigação em Ciências Sociais 2ª edição,* Editora Gradiva Publicação Ltda, (1998).

*Relatório sobre os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio: uma breve síntese,* 2010.

**RICHARDSON, R. J.** (org.). *Pesquisa Social – métodos e técnicas.* São Paulo. Atlas, 1999.

**ROGER, E. M.** *Elementos da difusão de inovação: Comunicação de novas ideia,* Pesquisa aplicáveis ao Basil, rio de Janeiro, ed. Financeira, 1969.

**RÖLING, N.** Who need extension nay way? Comunicação feita no 12º *European Symposium on Extension Education,* Grécia, 1995.

**SAVIANI, D.** *Escola e democracia.* Cortez: Autores Associados, São Paulo, 1992.

**SAVIANI, D.** *Da nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional.* Campinas: Autores Associados, São Paulo, 2000.

**SILVA, P.F.** *Estudo dos rumos e tendências gerais das instituições públicas de Extensão rural e os desafios da sua reestruturação em Santa Catarina*. Dissertação Mestrado em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2000.

**SILVA, E. et al.** *Caracterização dos produtores familiares de caju, organizados em uma Associação informal*. Artigo apresentado na XLV. Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural na Ilha Solteira São Paulo 2007.

**SIMON, A.A.** *A extensão rural e o novo paradigma*. Epagri Documentos, 176. Florianópolis, 1996

**SITOE, T.** *Agricultura Familiar em Moçambique - estratégias de desenvolvimento Sustentável*, Maputo, 2005.

**SWANSON, B.** *Extensão Rural: Manual de Referência*, 2ª Edição, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, Roma, 1991.

**SWANSON, B.** História e evolução da Extensão Rural; *in Extensão Rural: Manual de referência*, 2ª ed. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, FAO. 1981.

**SWANSON, B.** *Extensão Rural: Manual de Referência*, 2ª Edição, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, Roma. 1991.

**SOUZA, V.A.B., WILLERDING, I.A.V., FELICIANO, A.M., SILVA, M.T & LAPOLI E. M.** *A Interdisciplinaridade na Formação do Extensionista Rural*, Brasil, 2010.



**TAVARES, J. R. & RAMOS, L.** *Assistência técnica e extensão rural: Construindo conhecimento*: Edições Bagaço, 2006.

**TAYLOR, J. R.** “*An Introduction to Error Analysis: The Study of Uncertainties in Physical Measurements*”, 2.edição, 1997,

**TEIXEIRA, E.** *A Educação Ambiental na Extensão Rural: uma análise a partir das Concepções e práticas dos extensionistas rurais* da EMATER/RS-ASCAR da região de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates, como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates, como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento, 2008.

Disponível em [http://www.univates.br/ppgad/docs/dissertacoes\\_t1/Elizangela\\_Mainardi\\_Roso\\_Teixeira.pdf](http://www.univates.br/ppgad/docs/dissertacoes_t1/Elizangela_Mainardi_Roso_Teixeira.pdf). Consultado em Setembro de 2011. Disponível em [http://www.univates.br/ppgad/docs/dissertacoes\\_t1/Elizangela\\_Mainardi\\_Roso\\_Teixeira.pdf](http://www.univates.br/ppgad/docs/dissertacoes_t1/Elizangela_Mainardi_Roso_Teixeira.pdf). Consultado em Setembro de 2011.

**TRIGO, E.J. & KAIMOWITZ, D.** *Investigación agrícola y transferencia de tecnologia en la América Latina en los años noventa*. In: *Caernos de Ciência & Tecnologia*. Brasília, 1994.

**TRUITT, G.** *Female agricultural extension agents in El Salvador and Honduras: do they have an impact?* 1999.

**VAN den Ban & HAWKINS, H.** “Agricultural Development: Opportunities and threats for farmers and Implications for Extension organizations.” *Journal of Agricultural Education and Extension*, 1999.

**VAN den Ban & HAWKINS** *agricultural Extension*. and Edition. Black well Science. Sítios de Internet: [www.EMAT w.agroeco.org/socla/archivospdf/da](http://www.EMAT.w.agroeco.org/socla/archivospdf/da) Extensão Rural Convencional, 1996.

## **Anexo 1: Questionário aos Extensionistas**

### **Caro (a) extensionista:**

Chamo - me, Lourdes da Conceição M. Maduele estou cursando o Mestrado em educação extensiva. Neste curso estou realizando uma pesquisa sobre Perfil do Extensionista do Distrito de Matutuíne que tem por objectivo descrever e analisar o papel da extensão rural, bem como caracterizar o perfil dos extensionistas no Distrito de Matutuíne.

O presente questionário é parte integrante do trabalho académico (TESE) na Universidade Eduardo Mondlane. Agradece-se desde já a disponibilização de alguns minutos para o preenchimento do mesmo.

Estando de acordo em participar, garantimos que as informações fornecidas serão confidenciais. Não há necessidade de identificação. Todas as informações prestadas serão utilizadas apenas para este fim.

Contando com sua participação, acredito que o trabalho será de grande apreço, não só para Universidade Eduardo Mondlane, mas também para a qualificação do serviço de extensão rural aqui em Matutuíne.

## QUESTIONÁRIO:

### Perfil dos extensionistas de Matutuine

#### 1. Dados pessoais:

1. Sexo? (  ) Masculino (  ) Feminino
2. Que idade tem? (      )
3. Residência Fixa: \_\_\_\_\_
4. Residência de trabalho: \_\_\_\_\_
5. Estado civil \_\_\_\_\_ (  ) Viúvo (  ) Solteiro (  ) União de facto (  ) Casado (  )  
Divorciado.
6. Número de agregado familiar \_\_\_\_\_

#### 7. Dados profissionais

Marque abaixo, com um X, o nível (grau) de formação mais alto que você

Completou. Escreva também o nome do curso e a respectiva instituição obteve esse nível:

Nível Básico \_\_\_\_\_ Curso \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Ano de obtenção \_\_\_\_\_

Nível Médio \_\_\_\_\_ Curso \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Ano de obtenção \_\_\_\_\_

Licenciatura \_\_\_\_\_ Curso \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_ Ano de obtenção \_\_\_\_\_

## Perfil e papel do extensionista — O caso de estudo do Distrito de Matutuíne

---

( ) Pós-graduação – Especialização Curso: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de obtenção \_\_\_\_\_

( ) Mestrado Curso: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de obtenção \_\_\_\_\_

( ) Doutor Curso \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_ Ano de obtenção \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

8. Quem são os beneficiários dos programa de extensão?
9. Que tipo de informação os agricultores buscam nos serviços de extensão?
10. Qual é o nível de participação dos agricultores nas actividades de extensão?

Alto \_\_\_\_\_

Médio \_\_\_\_\_

Baixo \_\_\_\_\_

### **Sobre os métodos**

11. Pode falar sobre os métodos usados para execução das suas actividades aqui em Matutuíne?
12. Qual (ais) os métodos mais usados?
13. Qual (ais) deles surtem melhores efeitos?

### **Sobre a carreira dos extensionistas**

14. Existe ou não uma carreira do extensionista? Se sim, quais as designações?
15. Qual o futuro da carreira do extensionista''?
16. Quais os pontos fortes e fracos dos serviços de extensão em Matutuíne?
17. Quais as suas ideias para a melhoria dos mesmos serviços?

### **Sobre a gestão do desempenho do extensionista**

## Perfil e papel do extensionista — O caso de estudo do Distrito de Matutuine

---

18. A sua organização tem feito a avaliação anual de desempenho do extensionista? Se sim, como é feita?
19. Para que finalidade?
20. No SDAE existe um plano de desenvolvimento profissional para os extensionista?
21. Tem feitos trabalhos em conexão com extensionistas de outras organizações? Se sim, quais?
22. Quais são os maiores desafios?
23. Quais são as expectativas do extensionista no que concerne a gestão do desempenho?
24. Que dificuldades o extensionista enfrenta na execução das suas tarefas?
25. Porquê a maior parte dos extensionistas tem as suas actividades de extensão concentradas em Bela Vista?
26. Que comentários gostaria de fazer?

### **Antecedentes históricos e profissional**

27. Antes de ser extensionista o que fazia?
28. É produtor? Se sim, o que produz?
29. Qual é o papel do extensionista?
30. Há quanto tempo trabalha como extensionista rural?
31. Qual foi a sua motivação para ser extensionista?
32. Como entrou na extensão?
33. Trabalha para que entidade?  
Governo ( )    ONG ( ) Privado ( ) Outros ( ) \_\_\_\_\_
34. Para além de ser extensionista, que outra função exerce? \_\_\_\_\_

### **Segunda parte do Questionário**

#### **Quais são as actividades que tem realizado com camponeses?**

Acompanhamento técnico; ()

Apoio aos produtores em diversas actividades agrícolas; ( )

Capacitação de produtores ( )

Inclusão de produtores em diversas actividades e programas de extensão; ( )

Planificação da produção;( )

Disseminação de tecnologias; ( )

Assistência aos produtores; ( )

Na identificação dos problemas dos produtores ( )

Outras ( )

**35. Que mecanismos utiliza para prestar apoio e assistência aos produtores?**

Visitas no campo ( )

Demonstrações no terreno, ( )

Com base nas necessidades e sistemas de cultivo específicos; ( )

Através de campanhas de extensão, grupos de auscultação dos agricultores, ( )

Através teatro do oprimido, ( )

Programas na rádio; ( )

Conversa/comunicação interpessoal; ( )

Discussão de grupo; ( )

Através dos facilitadores das associações ( )

**36. Com que periodicidade visitam as associações de produtores?**

Diariamente; ( )

Uma vez por semana; ( )

Duas vezes por semana; ( )

Uma vez por mês; ( )

Duas vezes por mês; ( )

Três vezes por mês; ( )

Quatro vezes por mês; ( )

Uma vez por trimestre; ( )

Duas vezes por trimestre; ( )

Quatro vezes por trimestre; ( )

Uma vez por ano; ( )

Duas vezes por ano;

Três vezes por ano; ( )

Quatro vezes por ano ( )

**Muito obrigado pela colaboração!**



**Anexo 2: Questionário ao Director do SDAE (Matutuíne)**

---

**Questionário dirigido ao Director do SDAE (Matutuíne).**

- a) Quantos agricultores existem em Matutuíne? Quais as áreas de produção?
- b) Quantos são assistidos pela extensão rural?
- c) Quantos não são assistidos pela extensão rural?
- d) Fale sobre os serviços de extensão rural, sua importância.
- e) Quantos extensionistas existem no SDAE?
- f) Como é a interacção entre os extensionistas e os produtores?
- g) Quantas vezes o extensionista visita o produtor?
- h) Que requisitos são exigido para se extensionista?
- i) . Qual é o papel da extenso?
- j) Acha que o produtor está satisfeito com a intervenção do Extensionista?
- k) Quais são os principais problemas que a extensão enfrenta no seu dia-a-dia com o produtor?

**Muito obrigada pela colaboração!**

### **Anexo 3: Questionário aos Camponeses**

O presente questionário é parte integrante de um trabalho académico da Universidade Eduardo Mondlane. Agradece-se desde já a disponibilização de alguns minutos para o preenchimento do mesmo.

#### **Perfil dos camponeses de Matutuíne**

Género

1. F-----M-----
2. Nome ou número da associação
3. Idade -----
4. Estado civil
5. Local de nascimento -
6. Bairro de residência
7. Escolaridade
8. Número de agregado familiar

#### **Antecedentes históricos**

9. Sempre trabalhou como agricultor? se sim, desde quando?
10. O que produz?
11. Exerce alguma outra função além de ser agricultor? Se sim, qual?
12. E antes o que fazia?
13. Aqui em Matutuíne existe pessoas que dá apoio aos camponeses? Se sim, quem são ?
14. O que eles fazem?
15. Que tipo de benefícios isso traz para si?
16. . Acha suficiente esse apoio?

17. Quais são as grandes lições que tira d o trabalho do extensionista?
18. Se tivesse que melhorar o trabalho do extensionista em que aspecto faria?
19. Que tipo de informação mais busca nos serviços de extensão?
20. Que ideias tem para melhoria dos serviços do extensionista?
21. Tem algo a mais a dizer sobre o questionário?

**Muito obrigado pela colaboração!**